

# **Festa na cidade**

das atividades culturais efêmeras  
à ressignificação dos espaços

Caroline de Paula Monteagudo

2021

Trabalho Final de Graduação apresentado  
na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade de São Paulo

Orientação: Ana Castro  
Banca examinadora: Karen Cunha e Nabil Bonduki

## Resumo

O trabalho parte do entendimento da festa na cidade como uma forma fundamental de apropriação dos espaços públicos. Busca refletir sobre essa apropriação por meio de atividades efêmeras, de ocupação não-habitual daqueles espaços, entendendo-as como lugar de troca, dimensão cultural da vida coletiva, momento de reconexão com a cidade. Tendo como foco o município de São Paulo, apresenta uma sistematização de três ações promovidas pela Prefeitura nas últimas décadas: a Virada Cultural, o Mês da Cultura Independente e o SP na Rua, iniciadas respectivamente em 2005, 2006 e 2014. Busca reconhecer nessas ações a institucionalização de uma importante experiência urbana, cultural e social, sistematizando agentes públicos, artistas, lugares e períodos, com o objetivo de apresentar um panorama dessas atividades, reunindo informações dispersas e pouco organizadas até hoje.

## Abstract

The work starts from the understanding of the party in the city as a fundamental form of appropriation of public spaces. It seeks to reflect on this appropriation through ephemeral activities, occupying unusual spaces, understanding them as places of exchange, cultural dimension of collective life, moment of reconnection with the city. Focusing on the city of São Paulo, it presents a systematization of three actions promoted by the City Hall in the last decades: Virada Cultural, Mês da Cultura Independente and SP na Rua, started respectively in 2005, 2006 and 2014. It seeks to recognize these actions as the institutionalization of an important urban, cultural and social experience, systematizing public agents, artists, places and periods, with the aim of presenting an overview of these activities, gathering scattered and poorly organized information until today.

# Índice

Introdução	05
A Virada Cultural	10
A <i>Nuit Blanche</i> parisiense como inspiração	11
Números da Virada Cultural	13
Cronologia da Virada Cultural	19
Mês da Cultura Independente	30
SP na Rua	33
Números do SP na Rua	37
Os coletivos	40
Considerações finais	42
Bibliografia	45

# Introdução

O ano era 2017. Lembro-me do encantamento de adentrar num galpão em ruínas, com o grave das batidas que estouram logo na porta de entrada, do momento em que um impulso de adrenalina percorre o corpo da cabeça aos pés e conduz a sensação inexplicável de diversas borboletas no estômago, ansiosas e mais do que prontas para saírem pela boca num manifesto em busca da liberdade de ser o que se é. Através de movimentos corporais sinceros que preenchem o som e promovem sua materialidade, reafirmava-se um mundo em que estar presente nos espaços da cidade é essencial. Carinhosamente chamado de a “Fábrica de Azeite”, dentre outros galpões ou inferninhos quaisquer, aquele é um dos templos na cidade para os que encontram no som e na pista de dança uma conexão difícil de se descrever em palavras, bem como uma válvula de escape para a rotina desgastante que a capital paulistana nos enfa goela abaixo. O galpão, provavelmente construído na primeira metade do século XX com a intensa industrialização da região da Móoca, Brás e Pari, vem agora em minha mente como flashes de um sonho bom que, entre o sol incipiente das 7 horas

da manhã de um domingo e estados alterados de consciência, marcam minha memória como um registro cinematográfico de um ritual feliz e substancial para semana que em breve se inicia.

Encantamento similar acontecera em 2009, num show de encerramento da Virada Cultural em meio à Avenida São João e com a presença da cantora Maria Rita, que mostrou ser possível preencher, de outra maneira, aquele espaço outrora apresentado, no auge dos meus 16 anos, como perigoso, mal intencionado e abandonado. Lembro-me dos sorrisos trocados, de uma legião de pessoas que juntas entoavam uma única canção, ao mesmo tempo em que se agraciavam com movimentos de artistas circenses presos em guindastes e acima de nossas cabeças, que conquistavam uma multidão através de corpos, bambolês e tecidos. Acredito que esse tenha sido meu primeiro contato, ainda que fosse reconhecê-lo somente mais tarde na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, de apreensão de uma sensação de pertencimento e ressignificação pessoal do espaço urbano.

De lá para cá foram várias as experiências no

campo da manifestação de cultura urbana que tive o privilégio e a oportunidade de vivenciar: shows de rua, cortejos, Avenida Paulista e Minhocão abertos aos pedestres nos fins de semana, quermesses, apresentações teatrais a céu aberto, festas na rua promovidas por coletivos independentes, Carnaval... Ah, o Carnaval! A ele são possíveis páginas e páginas de veneração e memória, num sentimento quase que unânime de suas dores e seus amores. São dias de se vestir – ou não se vestir – sem pudores, dias de sorrisos gratuitos, de beijos distribuídos com consentimento, de escutar aquele hit musical que marcou determinado ano e dançá-lo na sarjeta, de chegar exausta em casa e no dia seguinte e abrir uma cerveja para iniciar pronta e novamente a empreitada por ruas e praças da cidade.

Entre festas em galpões industriais abandonados, shows na Avenida São João, apresentações teatrais na CDC Vento Leste no bairro do Patriarca, ou entre blocos de carnaval pelas ruas da cidade, nesses lugares comuns e incomuns, a cultura urbana e espontânea irá se firmar e se posicionar frente aos processos de transformação e especialização dos

espaços ocorridos na cidade. O espaço público – conformado por ruas, praças (e tomo a liberdade de aqui incluir terrenos e edifícios desocupados e inativos, sob a posse, ou não, do Estado) –, além de grande palco para a manifestação das artes e da cultura no

geral, aparece também como um grande articulador entre ideias e sociedade. É notável e compreensível o quase “fetiche” em torno dele por estudiosos, arquitetos, produtores, políticos, empreendedores e, no contexto do cotidiano, pela população<sup>1</sup>.



I. CARNAKOO, 2020. Jef Delgado, disponível no Facebook da BATEKOO

<sup>1</sup> Ver a respeito o texto de Adrian Gorelik, *O romance do espaço público*. In: Artes & Ensaios, nº 17, 2009.

Ao longo de minha graduação pude entrar em contato com algumas pesquisas e iniciativas que tiveram por foco os espaços públicos da cidade. Num primeiro momento, no Laboratório Quadro do Paisagismo no Brasil (QUAPA), sob orientação do professor Silvio Macedo, no levantamento da morfologia de diversas cidades brasileiras e seus espaços livres, resultando em representações cartográficas que contribuíram para publicação do livro *Quadro geral da forma e do sistema de espaços livres das cidades brasileiras* (2018). Ou na Iniciação Científica com a professora Ana Castro – que me acompanha de longa data – com a pesquisa intitulada de *Significâncias do Espaço Público: O caso da Vila Itororó e os debates em São Paulo* (FAUUSP/Fapesp, 2017), onde pude estudar as diversas propostas, desde a década de 1970, de transformar a Vila Itororó em uma espécie de centro cultural, pesquisando também o projeto de restauração e gestão do espaço executado pelo Instituto Pedra nos dias de hoje. Além disso, a vivência de um corpo branco, cisgênero e residente de uma das regiões periféricas da capital paulista, permitiria enxergar e viver a apropriação desses espaços sob o ponto de vista um grupo social específico; mas sobretudo como uma pessoa acostumada a atravessar a cidade em busca de cultura e lazer gratuitos, como shows, exposições e festas.

Dito isso, é preciso entender o significado desses espaços, frente às questões que esbarram numa concepção quase que maniqueísta do espaço público e de quem dele se apropria; pois perante os olhos do poder institucional (em nível municipal, nesse caso), e mesmo de grande parte da população, é permitido que se faça festa de música eletrônica no Centro Histórico, mas parece inadmissível – dadas, principalmente, as ações das últimas gestões municipais na cidade – um baile funk nas ruas da comunidade de Paraisópolis<sup>2</sup>. Assim, do meu ponto de vista, no que se refere ao espaço público, a sociedade tem muito a aprender com as periferias; e como bem disse Joel Luiz, advogado e fundador do Instituto de Defesa da População Negra, “a rua é essencial pra uma existência coletiva (...). No morro ‘a rua’ é extensão da nossa casa ou início da nossa área de lazer!”.<sup>3</sup>

2 Refiro-me à ação da polícia na festa da D17, em Paraisópolis onde 9 jovens morreram durante uma ação policial no local da festa. Mais informações disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50624480> (acesso em 07/01/2021). A despeito da necessidade de se pensar em controles por motivos de segurança dos frequentadores - rotas de incêndio, banheiros, paramédicos, e tudo o mais necessário para garantir uma aglomeração sob medidas mínimas de segurança -, é patente que a ação policial naquele caso tinha muito mais a ver com a condenação de “um tipo” de lazer e de “um tipo” de população.

3 Disponível em: [https://twitter.com/joelluiz\\_adv/status/1297326258754289664?s=12](https://twitter.com/joelluiz_adv/status/1297326258754289664?s=12) (acesso em 17/02/2021)

Como arquiteta apaixonada pelas imagens e sensações que a rua e os edifícios podem nos proporcionar, enquadro-me dentre aqueles que tomam o espaço público como objeto de suas indagações, fantasias e, quem sabe, num futuro próximo, de ação. Se podemos pensar essa discussão a partir de nomes como Heitor Frúgoli (1995) - que analisou a migração das centralidades ao longo do tempo na cidade -; ou Sergio Luiz Abrahão (2008) - que olhou mais especialmente para os deslizamentos entre os sentidos políticos e urbanos do espaço público -; entre outros pesquisadores que se dedicaram a explorar os variados sentidos do espaço público nas cidades, indicando instâncias importantes para sua análise e compreensão; aqui, busco articulá-la com uma temática que, dado o cenário pandêmico e o grande esvaziamento das áreas até então tidas como importantes para a sociabilidade paulistana, urge ser discutida, em meio a um sentimento de saudade, nostalgia e sobretudo incerteza quanto ao rumo que diversas práticas culturais tomarão após o fim (se ele de fato existir) do isolamento social.

Portanto, trata-se de pensar na ocupação do espaço público por meio de atividades efêmeras, mais especialmente as festas, entendidas como “lugar de trocas e dimensão cultural da vida coletiva”,

momento de fruição coletiva de pessoas que se encontram num determinado espaço, num “instante da não-produtividade” (Souza, 2010, p. 13).<sup>4</sup> O filósofo francês Gilles Lipovestky destaca um ponto importante para entender a proliferação das festas nas cidades, discutindo se de fato a festa na cidade seria um momento em que é possível se “romper” a mercantilização da vida:

*“A festa oferece a oportunidade de desfrutar um tipo de prazer que o consumo mercantil e individualista favorece pouco, ou seja, a experiência da felicidade comum, a alegria de reunir-se, de compartilhar emoções, de vibrar em uníssono com a coletividade.” (Lipovestky apud Souza, 2010, p. 18).*

Sua conclusão, entretanto, é negativa - pois ele vê a mercantilização crescente dessas atividades, que passariam a ocorrer dentro da “ordem do consumo”. Ainda assim, mesmo institucionalizada, mesmo eventualmente mercantilizada, creio ser a festa na rua

4 A pesquisa de Marcos Felipe Sudré Souza, “A festa e a cidade: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano” tem elementos importantes para a discussão que se busca aqui levar adiante, ao contribuir para o entendimento teórico das relações entre festa e espaços da cidade, a partir dos conceitos de “cotidiano” e de “espetáculo”.

um espaço transgressor, um momento de reconexão nossa com a cidade, um momento de pertencimento, e que por isso mesmo, vale ser reconhecida e valorizada. Como diz Souza: “ruas, pátios, praças: todos servem para o encontro das pessoas fora de suas condições habituais e dos papéis que desempenham durante suas rotinas” (Souza, 2010, p. 20), e é nessa ocupação não-habitual que reside sua força e seu papel disruptivo.

Diante disso, busquei elaborar minha reflexão sobre a apropriação das ruas pelas festas, a partir de uma breve retrospectiva de ações institucionalizadas da cultura nos espaços públicos da cidade de São Paulo que tiveram grande êxito ao longo dos anos, buscando apresentar o modo como essas iniciativas foram tomando forma e se desdobrando em outras. Talvez essa sistematização ajude também a pensar possibilidades de novas ações exigidas por um novo modo de viver.

Assim, o trabalho que se segue busca refletir sobre a apropriação do espaço público através de práticas culturais efêmeras, caracterizadas pela curta duração e/ou caráter provisório, ainda que possam ser recorrentes ou constantes no que se refere a sua realização na cidade. Para tanto, faço uma retrospectiva de ações e políticas culturais promovidas pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP),

focando em três iniciativas que, do meu ponto de vista, mais dialogam com a temática deste trabalho. São elas a Virada Cultural, O Mês da Cultura Independente (MCI) e o SP na Rua, este último situado dentro da programação do MCI. Esse trabalho reconhece um caminho nestas ações, que parte de uma proposta mais geral de oferecer manifestações culturais de naturezas diversas ao conjunto da população, para reconhecer a necessidade de apoiar e dar espaço aos artistas independentes, chegando a um projeto que enfoca de modo mais específico uma ocupação festiva e menos “controlada”, se podemos dizer assim, daquela fruição estética e sinestésica da festa na rua.

Na primeira parte, apresento o evento da Virada Cultural ao longo de suas 16 edições. Instituída no ano de 2005 e sendo realizada anualmente desde então, recupero aqui o contexto de sua inserção na cidade, investigando sua origem e seus principais resultados, de modo a perceber as mudanças de sentido que vão ocorrendo de par com as mudanças nas gestões municipais. Em seguida, ao enfocar o Mês da Cultura Independente (MCI), procuro levantar um histórico dessa ação instaurada em 2006 (ainda que com grande dificuldade na busca de informações sobre a programação mensal), buscando perceber os sentidos que amparam o projeto. Dentro desse evento,



II. Festa Capslock, sem data, Ariel Martini, disponível em no Facebook do coletivo.



III. After BATEKOO de Carnaval, 2020. Antonio Vinicius,  
disponível no Facebook do coletivo.

finalmente, destaco o Festival SP na Rua, projeto que busca levar festas de rua promovidas por coletivos artísticos-culturais ao Centro Histórico de São Paulo no período da madrugada.

O caráter “festivo” de tais ações são de grande interesse para este trabalho, uma vez que busco chamar atenção para a potência das festas de rua e os coletivos que fazem do espaço público urbano seu palco e cenário. Esse destaque se deve tanto a sua imensa contribuição na vida cultural da cidade nos últimos anos – fazendo parte da cultura urbana local –, quanto pela reflexão que estes movimentos podem trazer, no sentido de se propor novos usos aos espaços públicos, incluindo-se tais atividades nas pautas culturais da PMSP, ou seja, tornando-as índices para as políticas públicas no campo da cultura - e , por que não, também no campo social e econômico da gestão da cidade.

Não pensando somente em dois ou três eventos institucionalizados ao ano, mas ao entender as festas como algo intrínseco à vida urbana, e que, devido ao seu caráter diverso e potencialmente reflexivo, por trazer à cena da cidade diferentes grupos sociais que ali encontram seu espaço de lazer e de direito à cidade, é que defendo que essa iniciativa deve ser mantida e

fomentada. Diante disso, proponho entender também quais os caminhos institucionais envolvidos neste processo de fazer festa e como incrementá-lo.

Considerando entretanto o cenário de isolamento social imposto a todos pela pandemia, na conclusão do trabalho, discuto os impactos do distanciamento social na atuação dos coletivos e agentes do cenário cultural que faziam do espaço urbano palco para suas ações. Neste trabalho tomo como a cultura como agente de transformação do espaço urbano/ espaço público e busco enxergá-la através da espacialidade da cidade, refletindo sobre os sentidos dessa espacialização. Vejo no TFG também uma porta de entrada para entender e entrar em contato com o cenário cultural da cidade em sua forma institucional, percebendo como funciona e como se dão as ações no espaço público. Um exercício de compreender como as ações se dão na Secretaria de Cultura e as esferas de poder que nela existem, bem como os processos para com as iniciativas culturais promovidas pela secretaria, para com isso propor uma reflexão sobre a necessidade de permanência de tais ações na cidade - encarando a cidade pós-pandemia.



# A Virada Cultural

Levando dança, teatro, música, cinema, literatura, arte circense e performances para diversas regiões do município, a Virada Cultural, com suas 24 horas de atrações ininterruptas, é hoje um dos maiores eventos gratuitos com diversidade em sua programação e em seu público na cidade de São Paulo. Promovido pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), o evento acontece desde o ano de 2005 nas ruas do Centro Histórico e em pontos da rede Centro Educacional Unificado (CEU) e do Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc-SP) espalhados pela cidade, com realização da Secretaria Municipal da Cultura (SMC) e parceria da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo<sup>5</sup>; e os apoios da Secretaria de Turismo (SPTuris), Polícia Militar (PM),

<sup>5</sup> Inicialmente intitulada de Secretaria de Estado da Cultura, foi criada em 16 de março de 1979 sob o Decreto Estadual N. 13.426. A partir do ano de 2011 a economia criativa passa a ser pauta nas políticas federais com a criação do *Plano da Secretaria de Economia Criativa: política, diretrizes e ações 2011 a 2014*, a ser considerada em demais órgãos da União (De Marchi, 2014). Não foram encontradas informações ou portaria relativa à mudança de nomenclatura da secretaria estadual, entretanto, desde o ano de 2014 esta aparece como “Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo” nos relatórios semestrais de sua ouvidoria.

Polícia Civil, Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), Autoridade Municipal de Limpeza Urbana (AMLURB/LIMPURB), Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), Secretaria dos Transportes (SPTTrans) e a Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô) (Zarpelon, 2012). Teve sua primeira edição durante a gestão do ex-prefeito José Serra (2005-2006)<sup>6</sup> em 2006, e desde então concentra um total de 16 edições até o ano de 2020, sendo este último caracterizado pelo formato digital, dado o contexto de isolamento social instaurado pela pandemia.

Tendo em suas primeiras edições atrações de grande porte voltadas para a região do Centro e seus arredores próximos, a Virada Cultural tomou maiores proporções ao longo dos anos, constituindo hoje um dos eventos mais característicos da cidade a ocupar ruas, praças, edifícios públicos e pontos icônicos da paisagem paulistana. Tanto assim que o evento foi sendo mantido e reelaborado a cada nova gestão, das

<sup>6</sup> José Serra deixa a prefeitura para se candidatar a governador, e Gilberto Kassab, seu vice, torna-se prefeito em 2006. Sendo eleito, Serra então estendeu o festival para outras cidades do Estado.



II.

progressistas às conservadoras, mas sempre com o intuito de oferecer uma ampla gama de atividades à população. Considerando sua crescente importância na cena cultural e, mais do que isso, nas dinâmicas de sociabilidade e lazer estabelecidas no município, o evento adquire um papel significativo no que se refere à ocupação dos espaços públicos através de manifestações culturais e atividades gratuitas. Analisá-lo sob esse prisma é de extrema importância no atual cenário de supressão - mais que justificável - das atividades que envolvam número considerável de pessoas e sua concentração em espaços emblemáticos da cidade, uma vez que outros modos de apropriação deverão ser pensados frente às novas relações que surgem da dualidade cidadão e espaço público. Assim, a fim de levantar vínculos e ressignificações surgidos outrora a partir da ocupação de elementos como ruas, praças e edifícios pela Virada Cultural, procura-se revisitar cenários anteriores da realização do evento, destacando suas principais ações relativas à requalificação do espaço através de práticas culturais.

Para essa discussão, partimos do estudo *Espaço Público e ocupação efêmera: A virada Cultural como instrumento de requalificação do Centro Histórico de*

São Paulo<sup>7</sup>, de Larissa Zarpelon, no qual a arquiteta discute as relações que podem surgir entre usuários e espaço a partir da ocupação destes com atividades culturais de caráter efêmero. Numa retrospectiva que tem início no ano de 2005 com a primeira Virada Cultural, Zarpelon faz um descritivo de todas as edições até 2012, ano de publicação do estudo. Através de tabelas com dados relativos a orçamento, público, curadoria, número de atrações e palcos, entre outros, a autora analisa as principais diretrizes da PMSP no que se refere à programação e ocupação dos espaços ao longo de suas edições, bem como as avaliações do público e da mídia sobre a iniciativa. Juntamente com consultas ao site da prefeitura e outros veículos de comunicação como o portal G1, *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*, estende-se aqui o levantamento iniciado por Zarpelon até o ano de 2020, apresentando as principais ações da Secretaria quanto ao evento e os pontos de inflexão entre gestões neste intervalo. Importante destacar alguns hiatos no que se refere a informações oficiais da PMSP sobre orçamento, chamamentos públicos e números diversos a respeito

da Virada Cultural, sendo necessária a complementação dos dados por informações colhidas na imprensa.

Antes, entretanto, recuperamos aqui as origens da proposta de se fazer um festival cultural nas ruas da cidade, buscando apresentar mais elementos para a sua análise e compreensão.

## A *Nuit Blanche* de Paris como inspiração

Visando ocupar o Centro Histórico com atividades culturais em horários alternativos, o evento anual proposto pela PMSP teve como inspiração uma iniciativa da Prefeitura de Paris chamada *Nuit Blanche*. Proposta pela primeira vez no ano de 2002, iniciando-se no dia 5 de outubro às 19h30 e se encerrando às 8 horas da manhã do dia seguinte, desde então a *Nuit Blanche* passou a ocorrer anualmente na capital francesa, propondo um “percurso artístico noturno, que oferece aos parisienses uma descoberta de sua própria cidade por alguns locais de prestígio, outros abandonados, insólitos, por vezes apresentados sob um ângulo incomum ou com algum destaque especial”. Seu objetivo, segundo Zapelon, era o de “tornar a arte acessível a todos, dando destaque ao espaço urbano através da criação moderna, criando um momento

<sup>7</sup> ZARPELON, Larissa Francez. *Espaço Público e ocupação efêmera: A Virada Cultural como instrumento de requalificação do Centro Histórico de São Paulo*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

de convívio entre os cidadãos: estes são os desafios colocados para este novo evento” (Zarpelon, 2012).

Na *Nuit Blanche* é oferecido ao público um ou mais percursos pré-definidos, sendo percorridos do princípio ao fim com objetivos de redescoberta da arquitetura e da própria cidade a partir de novos pontos de vista sugeridos, os quais são normalmente inacessíveis ao público”. Tais percursos passariam pelo centro e pelos bairros, sem a prioridade do primeiro sobre os demais. Outro ponto relevante apontado por Zarpelon é a ligação intrínseca do evento com o sítio, ou seja, trata-se de um evento pensado *em e para Paris*, a partir de seu “patrimônio artístico-arquitetônico e seus residentes, e só inserida nesta realidade é que o evento tem sentido pleno, possuindo, portanto, indissociável relação com o local em que ocorre”. Privilegiando a princípio os espaços públicos, os roteiros, no entanto, incorporariam também a visita a “museus, teatros, bibliotecas, galerias, templos e piscinas públicas [que permaneceriam] abertos por toda a programação” (Zarpelon, 2012, p.154).

A partir de 2003, segunda edição da *Nuit Blanche*, outras cidades europeias como Roma e Bruxelas, passaram a participar desta “festa de arte contemporânea”, e em 2006 Riga e Madrid aderem

ao evento, formando-se assim uma “coligação de cidades parceiras”, chamada de *Nuit Blanches Europe*, tendo por objetivo “o incentivo, a (re)descoberta e a (re)conquista do ambiente urbano valendo-se da arte”. Cabe citar que todas as *Nuit Blanches* europeias duram apenas o intervalo da noite, contando com a presença de bares e restaurantes abertos por todo o período.

A *Nuit Blanche*, numa clara proposta de abordagem artística do espaço da cidade, é também palco de instalações, projeções e outros elementos, a fim de construírem uma narrativa visual do espaço, fazendo daquela madrugada uma verdadeira mostra de arte a céu aberto. Esses elementos e propostas seriam incorporados na Virada Cultural Paulistana, sendo a ideia de percurso presente na primeira edição – dado seu caráter de edição piloto, com menor público e área de atuação –, quando algumas atividades dialogaram mais diretamente com novas propostas de intervenção e apropriação efêmera do espaço. Entretanto, com as demandas de programação que o evento passa a ter com o passar dos anos, o centro histórico da cidade e as demais localidades onde a Virada ocorre passaram a ser mais uma espécie de palco ou cenário para a realização do evento, do que objeto de exploração no que se refere às potencialidades do espaço público como agente de novas manifestações culturais.



III.

II. Instalação em *Nuit Blanche*  
Paris - 2014. Foto de Yann Caradec, disponível em  
Wikimedia Commons.

I. Performance Sandra Miyazawa,  
2015. Autoria não identificada,  
disponível na página oficial  
do evento no Facebook.

III. Instalação em *Nuit Blanche*  
Paris - 2015. Foto de Daan  
Roosegarde, disponível em  
Wikimedia Commons.

# Números da Virada Cultural

Aqui, são levantados dados relativos à público, número de atrações, palcos e artistas, orçamento e curadoria ao longo de todas as edições. Os dados de 2005 a 2012 foram coletados do estudo de Larissa Zarpelon, citado anteriormente. Já as informações de 2013 a 2020 foi econtradas em site oficial da prefeitura, e nos portais de notícias G1 e *Folha de S. Paulo*. Os anos de 2005, 2013, 2019 e 2020 são pontos de inflexão no que se refere aos direcionamentos tomados pela gestão do evento.

2005

Data	19 a 20 de novembro (das 14h às 14h do dia seguinte)
Público participante	Estimativa não divulgada
Número de atividades	Cerca de 400 atrações, sendo 250 gratuitas e outras a preços populares
Palcos	111
Artistas Participantes	3.000

Investimento Público	R\$ 2,5 milhões
Prefeito	José Serra
Secretário de Cultura	Carlos Augusto Calil
Diretor do Evento	José Mauro Gnaspi

2006

Data	20 a 21 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	1,5 milhões
Número de atividades	593, sendo 270 na área central
Palcos	Informação não divulgada
Artistas Participantes	3.000

Investimento Público	R\$ 3,7 milhões
Prefeito	Gilberto Kassab
Secretário de Cultura	Carlos Augusto Calil
Diretor do Evento	José Mauro Gnaspi

2007

Data	5 a 5 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	3,5 milhões
Número de atividades	350
Palcos	80
Artistas Participantes	Informação não divulgada

Investimento Público	R\$ 2,5 milhões
Prefeito	Gilberto Kassab
Secretário de Cultura	Carlos Augusto Calil
Diretor do Evento	José Mauro Gnaspi

2008

Data	26 a 27 de abril (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	800
Palcos	26
Artistas Participantes	5.000

Investimento Público	R\$ 6,8 milhões
Prefeito	Gilberto Kassab
Secretário de Cultura	Carlos Augusto Calil
Diretor do Evento	José Mauro Gnaspi

2009

Data	2 a 3 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	800
Palcos	150, sendo 22 no centro
Artistas Participantes	5.000

2010

Data	15 a 16 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	Informação não divulgada
Palcos	Informação não divulgada
Artistas Participantes	Informação não divulgada

2011

Data	26 a 27 de abril (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	800
Palcos	26
Artistas Participantes	Informação não divulgada

Investimento Público R\$ 4,5 milhões

Prefeito Gilberto Kassab

Secretário de Cultura Carlos Augusto Calil

Diretor do Evento José Mauro Gnaspi

Investimento Público R\$ 7,8 milhões

Prefeito Gilberto Kassab

Secretário de Cultura Carlos Augusto Calil

Diretor do Evento José Mauro Gnaspi

Investimento Público R\$ 8 milhões

Prefeito Gilberto Kassab

Secretário de Cultura Carlos Augusto Calil

Diretor do Evento José Mauro Gnaspi

2012

Data	5 a 6 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	1.265
Palcos	253, sendo 47 no centro
Artistas Participantes	900

Investimento Público	R\$ 7,5 milhões
Prefeito	Gilberto Kassab
Secretário de Cultura	Carlos Augusto Calil
Diretor do Evento	José Mauro Gaspini

2013

Data	18 a 19 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	1.010; 784 na região central e 226 em pontos distantes
Palcos	24 palcos na região central; demais localidades não foram informadas
Artistas Participantes	mais de 900

Investimento Público	R\$ 10 a R\$ 11,5 milhões
Prefeito	Fernando Haddad
Secretário de Cultura	Juca Ferreira
Curadoria Colegiada	Alex Antunes, Alexandre Youssef, Giselle Beiguelman, José Mauro Gaspini, Marcus Preto, Maria Tendlau, Pena Schmidt, Sérgio Vaz, Tião Soares

2014

Data	17 a 18 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	4 milhões
Número de atividades	mais de 1000
Palcos	17 palcos na região central e 31 CEUs (29 ceus tiveram apenas 1 atração da virada); demais localidades não foram informadas
Artistas Participantes	Informação não divulgada

Investimento Público	R\$ 13 milhões
Prefeito	Fernando Haddad
Secretário de Cultura	Juca Ferreira
Curadoria Colegiada	Alex Antunes, Clara Lobo, Evandro Fioti, Fábio Maleronka, Fernando Dourado, Gabriela Fontana, Hugo Possolo, Iracity Cardoso, José Mauro Gaspini, Karen Cunha, Marcus Preto, Migue de Castro, Moisés da Rocha, Paulo Dias, Pena Schmidt

2015

Data	20 a 21 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	Não informado
Número de atividades	Não informado
Palcos	48 palcos na região central, 4 em regiões periféricas, 4 CEUs; demais localidades não foram informadas
Artistas Participantes	Não informado

Investimento Público	R\$ 14 milhões
Prefeito	Fernando Haddad
Secretário de Cultura	Nabil Bonduki
Curadoria Colegiada	Alex Atala, Alírio Milani, Cida Moreira, Felipe Morozini, Fábio Maleronka, Gil Marçal, Henrique Rubin, José Mauro Gnasplini, Karen Cunha, Kiko Caldas, Luciana Schwinden, Martinho Lutero, Marina Guzzo, Pena Schmidt, Rodrigo de Araujo, Spcine, Thomas Haferlach

2016

Data	20 a 22 de maio ("esquenta" na sexta feira das 17h às 23h, e das 18h do sábado às 18h do dia seguinte, totalizando 30h de evento)
Público participante	Não informado
Número de atividades	700
Palcos	Quantidade não informada; realizada em 81 pontos da cidade
Artistas Participantes	Não informado

Investimento Público	R\$ 15 milhões
Prefeito	Fernando Haddad
Secretário de Cultura	Maria do Rosário Ramalho
Curadoria Colegiada	Alex Atala, Ana Luíza Aguiar, Anastácia, Felipe Cordeiro, Fernando Dourado, Gabriela Fontana, Gil Marçal, Hugo Possolo, José Maur Gnasplini, Julio César Dória, Karen Cunha, Martinho Lutero, Maria Gadu, Moisés da Rocha, Pedro Granato

2017

Data	20 a 21 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	1,6 milhões
Número de atividades	Cerca de 900
Palcos	Quantidade não informada; realizada em mais de 100 pontos da cidade
Artistas Participantes	Não Informado

Investimento Público	R\$ 11 milhões, sendo 2 milhões de investimento privado (Banco Bradesco, nota; 18 milhões corrigidos pela inflação segundo g1)
Prefeito	João Dória
Secretário de Cultura	André Sturm
Diretor do Evento	Não informado

2018

Data	19 a 20 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	3 milhões
Número de atividades	900
Palcos	35 palcos, sendo 8 fora do centro; 97 pontos de atividades
Artistas Participantes	Não informado

Investimento Público	R\$ 13 milhões
Prefeito	João Dória
Secretário de Cultura	André Sturm
Diretor do Evento	Não informado

2019

Data	19 a 20 de maio (das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	5 milhões
Número de atividades	mais de 1.200
Palcos	35 palcos, 8 fora do centro; 250 pontos de atividades
Artistas Participantes	Não informado

Investimento Público	R\$ 18 milhões
Prefeito	Bruno Covas
Secretário de Cultura	Alê Youssef
Diretor do Evento	Não informado

2020

Data	12 a 13 de dezembro (formato virtual, das 18h às 18h do dia seguinte)
Público participante	Não informado
Número de atividades	mais de 400
Palcos	atrações virtuais, 6 teatros, 9 centros culturais, 18 casas de cultura e 22 bibliotecas
Artistas Participantes	Não informado

Investimento Público	R\$ 6 milhões
Prefeito	Bruno Covas
Secretário de Cultura	Hugo Possolo
Diretor do Evento	Não informado

# Cronologia da Virada Cultural

Com investimento e público cada vez maiores, a Virada Cultural mostrou-se um sucesso desde sua primeira edição. Considerando sua importância enquanto política cultural e agente articulador de pessoas e espaço público, as linhas que se seguem buscam levantar e analisar algumas práticas que, ao longo das edições, mais tiveram proximidade com o aproveitamento e a qualificação do espaço público e/ou arquitetônico, através de atividades culturais recorrentes ou não usuais. Outro tópico de interesse é o de perceber alterações tanto no que se refere ao orçamento quanto à curadoria nos eventos entre gestões, bem como a recepção da mídia e dos usuários em cada um dos casos. Analisa-se a Virada Cultural em seus pontos de inflexão e mudanças de diretrizes para com a programação do evento, que se ressalta principalmente na troca de gestões ou no comando da Secretaria Municipal de Cultura.

A primeira edição da Virada Cultural ocorre em 2005 durante a gestão do então prefeito José Serra, como já mencionado, delineando um projeto que com o passar dos anos se aprimorou, cresceu, e hoje é inseparável do cenário cultural que se promove na capital paulistana. Multifacetado em suas atividades e sem um público específico que não fosse o cidadão paulistano a redescobrir a cidade e seus espaços

(Zarpelon, 2012), o evento teve em sua primeira edição uma ótima recepção do público e da mídia, contando com um orçamento de R\$ 2,5 milhões e com a presença de aproximadamente 300 mil pessoas<sup>8</sup>. As 400 atrações do evento se deram, em grande parte, no centro histórico da cidade, ainda que tivessem 111 pontos de atração espalhados pela cidade nas dependências da rede Sesc-SP e CEU, além de cinemas, centros culturais, museus, teatros e parques públicos<sup>9</sup>.

Dentre as diversas atividades a ocuparem os espaços da cidade destacou-se a visita noturna pelas esculturas do Jardim da Luz, com iluminação



IV.

<sup>8</sup> Valores estimados, disponível em Zarpelon, 2012, p. 12.

<sup>9</sup> Folha de S. Paulo – 21/11/2005, p. C1 e O Estado de S. Paulo – 11/11/2005, p. C9; disponível em Zarpelon, 2012, p. 81.

de lanternas, promovida pela Pinacoteca do Estado, além de um “baile vespertino no coreto do mesmo jardim” com foco em pessoas da terceira idade.

Com horário de funcionamento estendido, a Pinacoteca registrou no sábado da primeira Virada quase o dobro de visitantes que num sábado comum<sup>10</sup>. Outras instituições culturais também tiveram seu horário estendido, como o Museu Brasileiro de Escultura (Mube), Museu do Ipiranga e o Paço das Artes, numa prática que se estenderia até as últimas edições do evento<sup>11</sup>. Centros culturais também participaram da edição promovendo instalações, mostras e encontros, como a Casa das Rosas, que dedicou um espaço “exclusivamente à poesia, em que poetas profissionais e amadores puderam recitar versos próprios, ou não, às 3 horas da manhã”, com todas as vagas disponíveis preenchidas. Apresentações teatrais de rua também marcaram presença no evento, em locais como a praça Benedito Calixto e Avenida Ipiranga; um cortejo byroniano, juntamente com o Bloco da Ressaca,

<sup>10</sup> Zarpelon dirá que “somente no sábado, a pinacoteca recebeu três mil visitantes, quando em um sábado comum recebe cerca de 1.700”. O Estado de S. Paulo – 21/11/2005, p. C1, disponível em Zarpelon, 2012, p. 85

<sup>11</sup> Até o ano de 2019 a Pinacoteca e demais equipamentos culturais continuaram abrindo suas portas gratuitamente durante o período da Virada Cultural, como consta nos programas dos eventos e posts de Facebook nas páginas oficiais de tais instituições.

seria realizado partindo do Largo São Francisco até o Cemitério da Consolação, onde se visitou túmulos de pessoas célebres no período da noite.

As atividades musicais da edição contaram com grandes nomes da música brasileira, como Elza Soares, Adriana Calcanhoto, Tom Zé, entre outros; o Largo do Piraporinha, no bairro do M'Boi Mirim, recebeu artistas consagrados do hip hop como Rappin Hood, DJ Thaíde, Funk Cia, Z'África Brasil, enquanto o Conjunto Habitacional dos Metalúrgicos, na Cidade Tiradentes, receberia apresentações de Helião, Negra Li e MV Bill<sup>12</sup>. Curiosamente, o maior público do evento foi o do palco no Anhembi, dedicado à música Gospel, reunindo cerca de 25 mil pessoas<sup>13</sup>. Superando as expectativas de público, a Virada Cultural convidou uma legião de pessoas a experimentarem uma nova vivência do Centro.

A partir do ano de 2006 o evento passa a funcionar das 18h às 18h do dia seguinte, sempre entre os meses de abril e maio. As edições que se sucederam até o ano de 2013 tiveram estrutura e programa semelhantes à

edição inicial de 2005. Tais edições da Virada Cultural continuaram tendo êxito e público cada vez maiores, adquirindo, consequentemente, altos investimentos e espaço nas pautas públicas relacionadas à cultura, bem como novas demandas de estrutura e planejamento em áreas diversas de execução.

Em 2013 ocorre a primeira Virada da gestão do prefeito Fernando Haddad, com Juca Ferreira, ex-Ministro da Cultura no governo Lula entre os anos de 2008 e 2011, como Secretário da Cultura. Essa 9ª edição do evento receberia da mídia críticas muitas negativas se comparada às edições anteriores ocorridas em gestões de partidos como DEM e PSDB. Manchetes como “Virada Cultural 2013 tira atrações da periferia e se concentra no centro de SP”<sup>14</sup> foram comuns, ainda que, analisando num contexto geral, tenha sido uma tentativa válida no que se refere às experimentações no campo das dinâmicas de programação e execução do evento. A edição contou com 782 atrações na região central e outras 226 em pontos distantes, retirando da programação os CEUs, que antes cumpriam a função de pontos de atividades e atrações nas regiões mais

periféricas. Nesta edição, apenas as unidades do Sesc -SP teriam esse papel. Como justificativa para essa mudança, o secretário Juca Ferreira afirmou:

*“A Virada não diminuiu. Houve um reordenamento e fortalecimento de certos processos e redução de outros. O conceito da Virada é permitir uma convivência inaudita na cidade, por isso ela não pode se dispersar. (...) O que nós não queremos é que a periferia tenha de ficar na periferia. Queremos que as pessoas que moram lá venham até a Virada.”<sup>15</sup>*

O secretário defendia portanto uma ideia de “integração”, notando que a periferia deveria “vir ao centro”, já que seria esse o espaço possível de convergência de todos<sup>16</sup>. A respeito das críticas, José

15 Folha Ilustrada - 16/05/2013, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1279107-virada-cultural-2013-tira-atracoes-da-periferia-e-se-concentra-no-centro-de-sp.shtml> (acesso em 15/12/2020)

16 Pode-se aqui fazer um paralelo com a gestão petista de Luiza Erundina, entre os anos de 1989 a 1992. Com propostas que vão de encontro à priorização de áreas populares e à ações de revalorização do Centro - afim de *reverter o processo de esvaziamento* que desde a década de 1960 havia se instaurado no local -, a gestão fora marcada por iniciativas de cunho social com foco na apropriação dos espaços urbanos pela população periférica ou grupos mais carentes (Rodrigues, 2007, p. 76).

Mauro Gnaspi, que estava no comando da curadoria do evento desde sua primeira edição, declarou: “talvez não seja a Virada que vá atender a periferia”, já sinalizando uma vontade da nova gestão de transferir festas menores distribuídas ao longo do ano pelo território.

No que se refere à programação e ocupação dos espaços da cidade, ainda que as regiões periféricas tenham sido minimizadas como áreas de atuação, passa a haver uma diretriz geral da gestão de *qualificar* o evento. Juca de Oliveira então afirmaria: “Nosso conceito foi qualificar a Virada, porque a grandeza já é a sua marca. (...) Ampliamos a higiene, a infraestrutura, os serviços. Não devemos pensar que a Virada resolve todos os eventos da cidade”<sup>17</sup>. Concentrando as atrações nas ruas do Centro Histórico, a disposição dos palcos teria sido pensada a fim de evitar tumultos, mantendo-se certa distância entre eles, de acordo Gnaspi. Outras atividades fora dos palcos, como

blocos e cortejos, seriam itinerantes, deslocando-se entre um palco e outro ao longo da programação, como foi o caso dos blocos tradicionais Ilú Oba de Mim e Ilê Ayiê, entre outros, que abriram o evento saindo do Vale do Anhangabaú. Acrescentando novas localidades no perímetro de atuação, com palcos no Mercado Municipal e na Rua 25 de Março, nesta edição também

foram inaugurados novos espaços da cidade de São Paulo: a Praça das Artes, cuja programação voltou-se a apresentações de dança em seu vão livre, e a recém-reformada Praça Roosevelt, recebendo atividades ao ar livre e uma programação com espetáculos para adultos e crianças. Nesta edição, destacou-se como novidade a “Viradinha”, que pela primeira vez incluía



V.

<sup>17</sup> “Na opinião de seus organizadores, a Virada Cultural chegou a sua ‘maturidade’. Em vez de crescer, seria a hora de a festa melhorar seu conteúdo e resolver problemas crônicos, como a escassez de banheiros, a limpeza das ruas e o policiamento..” - Folha Ilustrada - 16/05/2013, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1279120-na-maturidade-da-virada-cultural-ordem-e-concentrar-atracoes.shtml> (acesso em 15/12/2020)

uma programação destinada especialmente ao público infantil, com atividades concentradas principalmente no Parque da Luz.

Foi nesta edição que, pela primeira vez, a Virada Cultural passaria a contar com uma curadoria colegiada para a escolha da programação e dos artistas, numa tendência que se mostrou muito eficaz e constante durante toda a gestão petista. Com nomes de diversas áreas do conhecimento e atuação cultural, José Mauro Gnasplini, até então curador único das 8 edições do evento, passa a dividir a cena com outros oito profissionais, entre eles Alexandre Youssef, Giselle Beigelman, Marcus Preto, Maria Tendlau, Pena Schmidt, Sérgio Vaz e Tião Soares. Entre os anos 2013 a 2016, com a realização da última edição da gestão Haddad, o número de curadores a fazerem parte do colegiado só aumentou, chegando a 16 profissionais no ano de 2016.

Foi também na edição de 2013 que pela primeira vez a PMSP contaria com o patrocínio privado para a realização do evento, prática a ser continuada em edições posteriores<sup>18</sup>. Com orçamento previsto de R\$

11 milhões, a prefeitura abre um chamamento público para empresas – com exceção das de cigarro ou de bebida alcoólica – contribuírem com 4 cotas de R\$ 2 milhões e uma cota principal de R\$ 4 milhões<sup>19</sup>. Os recursos repassados por meio do patrocínio teriam destino ao Fundo Especial de Promoção de Atividades Culturais da Secretaria Municipal de Cultura<sup>20</sup>, e como contrapartida os copatrocinadores poderiam “veicular suas marcas no próprio site do evento e em espaços como banners laterais e saias de palcos do evento, em 80 totens de informação distribuídos pela cidade,

19 Não foram encontrados dados relativos ao investimento do poder municipal, somente, nesta edição. Embora no ano seguinte a *Folha de S. Paulo* tenha dito que o investimento teria sido de R\$ 11,4 milhões (com valores corrigidos pela inflação), a nova proposta de participação de patrocínio nos leva a crer que a PMSP tenha investido somente R\$ 1,4 milhões, ainda que a mídia afirme que a edição ficara mais cara aos cofres públicos. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1274338-virada-cultural-podera-ter-patrocino-de-empresas.shtml> (acesso em 13/01/2021) e <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1455790-virada-comeca-hoje-com-custo-maior-e-abrangencia-menor.shtml> (acesso em 13/01/2021)

20 “O Fundo Especial de Promoção de Atividades Culturais - FEPAC tem por finalidade a captação de recursos para aplicação na promoção, organização, patrocínio e execução de iniciativas de natureza artístico-cultural, respeitados os interesses público, administrativo e das instituições.” Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/participacao\\_social/index.php?p=28196](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/participacao_social/index.php?p=28196) (acesso em 04/01/2021)

1 milhão de folders com a programação, seis painéis de LED e 1.000 lixeiras de papelão”<sup>21</sup>. Nesta edição, o Sesc financiou integralmente, pela primeira vez, a vinda de dois artistas internacionais a se apresentarem na Virada Cultural: os americanos George Clinton e o grupo Black Star.

A 10º edição do evento, já no ano de 2014, também teria sido criticada pela mídia, uma vez que não teria contado com atrações “de peso”, como nos anos anteriores, ainda que tivesse a presença da Banda Ira!, Vanessa da Mata, Luiz Melodia e Baby do Brasil. O direcionamento geral da edição foi o de trazer novos artistas que nunca tivessem participado antes, além de algumas atrações internacionais. Apesar de ter menos palcos que no ano anterior – 17 contra 24 palcos da edição anterior – a organização voltou a incluir os 31 CEUs que antes participavam do evento, trazendo atrações para o público das periferias, ainda que pouco expressivas, se comparadas com as atrações presentes na região central. Com uma leve redução da área do centro – de 20%, segundo Juca Ferreira, isso se justificava pela solicitação da Polícia Militar, tendo em vista a onda de violência ocorrida

na edição anterior<sup>22</sup>. Com relação à programação, destaca-se a integração do programa Braços Abertos<sup>23</sup> com a Virada Cultural, tendo um palco próprio temático no Largo Coração de Jesus, próximo à Cracolândia, e contando com a participação de dependentes químicos participantes do programa como público e artistas. Com a participação do ator e palhaço Hugo Possolo na curadoria colegiada, as atividades circenses ganharam um espaço maior nesta edição, ocupando a Praça Roosevelt com um caminhão trapézio que abrigou apresentações diversas. Bem como o circo, as artes visuais também ganharam espaço maior no evento, com a curadoria de Miguel Castro, ocorrendo várias intervenções urbanas na região central, dentre elas a “Velocidade Zero”, que implantou 200 bancos de material reciclado, distribuindo locais de descanso ao longo do percurso da Virada.

Já no ano de 2015, com a Secretaria Municipal

da Cultura sob comando do arquiteto e urbanista Nabil Bonduki, a 11º edição do evento teve como diretriz a retomada mais efetiva da descentralização da programação; contando ainda com palcos em espaços inéditos da cidade, como na Avenida Paulista, no Parque do Ibirapuera e em bairros periféricos.

O perímetro do evento na região central, entretanto, diminuiria, deixando de fora locais que estiveram no ano anterior como o Parque da Luz, Mercado Municipal e a região da Rua 25 de Março. Seguia-se a orientação da PM, segundo a secretaria, a fim de concentrar os palcos e evitar arrastões nos espaços



vazios entre os palcos, como acontecera no ano de 2014<sup>24</sup>. A grande novidade foram os quatro palcos situados pontos mais distantes do centro, dedicados ao funk – em Heliópolis, Cidade Tiradentes, Capela do Socorro e na Brasilândia – pensados e organizados juntamente com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e contando com atrações de peso, como a cantora carioca Ludmilla. O orçamento da edição de 2015, juntamente com os patrocínios privados, foi de 14 milhões, valor semelhante ao ano anterior se corrigido pela inflação, de 14,4 milhões<sup>25</sup>.

A 12ª Virada Cultural – última edição realizada pela gestão petista – foi marcada por algumas mudanças na programação. Sob comando da nova Secretária de Cultura Maria do Rosário Ramalho, o evento “testou” um novo formato, incluindo um “esquenta” de algumas horas na sexta-feira, véspera de um dos finais de semana mais esperados pela população paulistana, totalizando 30 horas de evento. A ideia, segundo a secretaria, era de começar um dia antes para

“aproveitar quem sai do trabalho no fim do expediente” – com duração das 17h às 23h e contando com a participação de estabelecimentos e coletivos artísticos culturais independentes atuantes na região do centro, com apresentações de jazz, hip-hip, rodas de samba e coletivos de festas de música eletrônica –, atingindo um novo público que, possivelmente, não se deslocaria para a região central aos finais de semana; além de favorecer trabalhadores ambulantes e comércio local.

Em contraponto, a edição contou com menos palcos atuantes na madrugada na região central durante o final de semana em regiões como a Praça da Sé, Parque Dom Pedro, Rua 25 de Março, Luz e Júlio Prestes, regiões consideradas “mais problemáticas durante a madrugada”, do ponto de vista da segurança. A tendência de descentralização da programação, experimentada de forma mais consistente na edição anterior, permaneceu, levando grandes palcos e atrações a novas localidades, como M'boi Mirim, Parelheiros, Pirituba e Ermelino Matarazzo<sup>26</sup>. É neste ano também que, pela primeira vez, todas as subprefeituras tiveram atividades

relacionadas à Virada, aproveitando espaços já existentes como bibliotecas municipais, centros e casas de culturas, teatros municipais, CEUs e ruas, sendo estas últimas abertas exclusivamente aos pedestres – numa ação iniciada pela gestão petista e que se tornou recorrente até o cenário pandêmico instalado no ano de 2020.

A edição de 2016, ocorrida em meio ao processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff<sup>27</sup> e com vistas à posse do então vice Michel Temer, foi marcada por um coro de protestos contra tal situação. Em alguns palcos, ao fundo, telões projetavam duas frases icônicas da época, “Fora Temer” e “Temer jamais”, além de declarações, ora explícitas, ora mais tímidas, dos artistas que se apresentavam, contra a possível posse de Temer. Mesmo em espetáculos de artistas que não se pronunciaram diretamente contra o político, como no show de Criolo no Palco Júlio Prestes ou dos Mestres da Soul, no Palco República, coros

<sup>24</sup> Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1644559-contra-arrastoes-prefeitura-encolhe-virada-cultural-no-centro-de-sp.shtml> (acesso em 10/01/2021)

<sup>25</sup> Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1644559-contra-arrastoes-prefeitura-encolhe-virada-cultural-no-centro-de-sp.shtml> (acesso em 10/01/2021)

<sup>26</sup> Folha de S. Paulo - 13/05/2016, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1771009-orcamento-da-virada-cultural-cai-r-1-milhao-em-2016.shtml> (acesso em 11/01/2021)

<sup>27</sup> O processo de Impeachment de Dilma Rousseff iniciou-se em 2 de dezembro de 2015, autorizado por Eduardo Cunha, então presidente da Câmara. Encerrou-se em 31 de agosto de 2016, com 61 votos a favor e 20 contra, dando lugar ao seu Vice Michel Temer. Fonte: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html> (acesso em 08/02/2021)

eram levantados motivando a platéia a se manifestar contra o vice-presidente. Além disso, houve também uma grande distribuição de panfletos e pintura de frases em camisetas por grupos organizados, como o Arrua<sup>28</sup>. Com orçamento pouco menor que da edição anterior – de R\$ 15 milhões contra R\$ 16 milhões do ano anterior (com valor corrigido pela inflação) –, esta edição foi marcada também por um clima pacífico e menos cheio, em comparação às edições anteriores, em especial a de 2014. Uma maior sensação de segurança, provável resultado da política de esvaziamento de shows no perímetro central e da expansão para outras regiões da cidade, seria refletida diretamente na avaliação da edição, segundo pesquisa realizada pelo Observatório de Turismo e Eventos de São Paulo (SPTuris), cuja nota atribuída foi maior que a do ano anterior – de 8,4 contra 8,2 em 2015<sup>29</sup>.

Se em todas as edições anteriores a Virada Cultural tivera como princípio a ocupação e densificação do centro em horários alternativos, no ano de 2016,



com a primeira edição realizada na gestão do então prefeito João Dória – a Virada teve como diretriz “esvaziar o centro”, trazendo atrações menores e, principalmente, atividades relacionadas a artes cênicas, dança, musicais e artes circenses. Pela primeira vez a Virada Cultural levou seus principais palcos a pontos turísticos fora da região central, como o Sambódromo do Anhembi, Chácara do Jockey, Autódromo de Interlagos e alguns parques como o Parque do Carmo. Resultado da ação, numa concepção que ia totalmente contra àquela promovida pela Virada desde sua concepção, o evento ficou confinado a locações mais reservadas, sem conexões com entorno e em locais de difícil acesso, dificultando o ir e vir pela cidade implícito como preceito desde as primeiras edições do evento. Reconhecendo na mudança a forma de grandes festivais promovidos por instituições culturais privadas, Nabil Bonduki afirmaria:

*Proposta por Serra em 2005, a Virada articulou cultura e espaço público, tornando-se o maior festival de cultura do mundo. Atravessou três gestões como uma festa da cidade, sem coloração partidária, mas o prefeito resolveu desconstruir sua concepção. Desconhecendo a dinâmica urbana e cultural*

*de São Paulo, quis confinar o evento ao autódromo de Interlagos, revelando uma visão segregadora que se opõe ao conceito de ocupação do espaço público ancorado na criação, na convivência e na cidadania cultural. (...) Em 2017, a potência do centro não se transferiu para os caros palcos descentralizados, situados em locais de difícil acesso. Shows foram cancelados ou tiveram um público incompatível com a importância do artista; o participante da Virada não quer ir a um espetáculo, quer circular entre várias atrações<sup>30</sup>.*

Com 75% da programação advinda de um chamamento público de artistas e músicos<sup>31</sup>, a edição deu prioridade a artistas com cachês menores, ainda que contasse com a presença de alguns nomes importantes da música brasileira, como Titãs, Daniela Mercury, Alcione, Fafá de Belém, entre outros. O evento, com 200 atrações a mais que o ano anterior, teve pouquíssimo público comparado às edições anteriores. As 1,6 milhões de pessoas que

compareceram ao evento, segundo o então secretário André Sturm, teriam sido previstas, bem como o esvaziamento da região central: “Não queríamos um show com 40 mil pessoas no centro”<sup>32</sup>.

A 14º edição da Virada Cultural, no ano de 2018, retomaria algumas diretrizes das edições anteriores como ter atrações de peso no Centro - evidentemente dado o baixo público e as críticas no ano anterior. A região central, desta vez, recebia atrações como Caetano Veloso, Xuxa, Ira!, Nação Zumbi, Geraldo Azevedo, entre outros, além de intervenções, apresentações de teatro e cinema. No parque do Anhangabaú seria montado um parque de diversões, e festas e projeções de filmes ocupariam o vão livre do Masp e a Rua 15 de Novembro. Fora do Centro, a edição manteve o palco do Jockey Club, presente no ano anterior, e acrescentou outros na Praça do Campo Limpo, Parque da Juventude, Arena Corinthians em Itaquera, entre outras localidades com atividades em Casas de Cultura, buscando promover a descentralização do evento como pretendida em 2017.

32 Fala de André Sturm em coletiva à imprensa sobre a Virada Cultural 2017. Retirada de Folha de S. Paulo - 22/05/2017 e disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/05/1886442-em-edicao-descentralizada-virada-teve-publico-de-16-milhao-diz-prefeitura.shtml> (acesso em 13/01/2021)

A última edição do evento integralmente presencial e anterior ao contexto de isolamento social, teria sido, segundo o prefeito Bruno Covas<sup>33</sup>, a maior realizada até então. A Virada Cultural de 2019, com público recorde<sup>34</sup>, contou com 1200 atividades gratuitas espalhadas por todas as 32 subprefeituras, concentrando um total de 250 pontos de atrações - 150 a mais em relação ao ano anterior. Sob comando do novo Secretário de Cultura Alê Youssef, a edição contou com grandes palcos e maior número de atrações na região do Centro; o que recebeu maior público, com aproximadamente 200 mil pessoas, fora o palco principal no Vale do Anhangabaú, com shows da cantora Anitta e Caetano Veloso e Filhos. Outro a fazer bastante sucesso foi o palco Diversidade localizado na Praça da República, recebendo artistas como Pabllo Vittar e outros do meio LGBTQI+. Na Avenida Paulista, a Virada Cultural levou programação a instituições culturais como o Instituto Moreira Salles, Japan House, Itaú Cultural e Sesc Paulista; já em outros

33 Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/19/virada-cultural-2019-tem-publico-recorde-diz-prefeito-de-sao-paulo.ghtml> (acesso em 20/01/2021)

34 A edição contou com um público de 5 milhões, o maior atingido até então. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/19/virada-cultural-2019-tem-publico-recorde-diz-prefeito-de-sao-paulo.ghtml> (acesso em 10/02/2021)

cidade, levou nomes como Karol Conká ao Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, na Zona Norte, Rincon Sapiênci na Praça Brasil da Cohab II, localizada próxima à região de Itaquera, a cantora Preta Gil na região do M'boi Mirim, Nação Zumbi no palco Chico Science no Ipiranga, dentre outras diversas atividades e shows nas unidades das redes CEU e Sesc.

A edição ainda contou com uma curadoria de gastronomia, cedendo espaço a diversos food trucks e tendas a ocuparem a programação com seus serviços nas diversas praças de alimentação distribuídas pela cidade durante as 24 horas de evento. O público infantil também teve espaço na programação, com 180 atrações ao longo do evento e uma mostra de desenhos clássicos da Disney na Câmara Municipal; bem como os coletivos de festas, que com 23 tendas espalhadas pelo Centro cedidas pela SPTuris, trouxeram música e festa aos que circulavam pelo região. Destaca-se também, pela primeira vez, a transmissão ao vivo do evento pela SpCine<sup>35</sup>, plataforma pública de streaming.

As megaestruturas da edição, bem como a diversidade e a pulverização das atrações da

programação, refletiram diretamente o desejo da gestão de transformar a Virada Cultural no maior “festival 24h do mundo”<sup>36</sup>, visando tornar o evento um símbolo da “cidade que nunca para”. A conquista de tal propósito pode ser percebida no número de público da edição, o qual contou com uma quantidade expressiva de turistas e usuários vindos de fora da cidade de São Paulo. O caráter, de certa forma, de festival internacional agradou ao público, refletindo na nota do evento divulgada pela SPTuris: uma média de 8,6 contra 7,9 em relação a 2018.

Com o advento da pandemia da Covid em fins de 2019 - tendo como consequência no cenário nacional, a partir de março de 2020, o isolamento social e a supressão de atividades com concentração de pessoas -, a 16º Virada Cultural assume um formato quase totalmente digital. Ocorrida em dezembro de 2020, contou com cerca de 400 atrações, entre apresentações de dança, teatro, shows, DJ sets, artes circenses, literatura, cinema, entre outros. A edição contou com a transmissão online de quase todas as atrações através de lives, além de algumas atividades presenciais espalhadas pela cidade, apresentadas em projeções,

35 A Spcine é a empresa de cinema e audiovisual da PMSP, investindo em projetos audiovisuais por meio de editais com foco no desenvolvimento dos setores de cinema, TV, games e novas mídias.

36 Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/19/virada-cultural-2019-tem-publico-recorde-diz-prefeito-de-sao-paulo.ghtml> (acesso em 15/02/2021)



instalações, trios elétricos ou espaços abertos, evitando aglomerações ou deslocamentos dos usuários pela cidade. Com o mote de “Tudo de arte, nada de Aglomeração”, a edição é um marco no que se refere ao caráter híbrido do evento com atividades presenciais e online, ainda que esta última em maior quantidade. No que se refere às atrações, o evento contou o “Clube em Casa”, que reunindo alguns coletivos como Batekoo e Mamba Negra e seus DJs residentes, apresentou uma programação em clima de festa; um Encontro de Mulheres em Roda de Samba transmitido do Teatro Municipal, com cantoras como Mart’nália e Fabiana Cozza; Grupo Ares com a apresentação “Jardim Suspenso”, onde dançarinos e acrobatas apresentam-se “no ar, no chão e nas paredes”, hipnotizando o público de forma presencial e virtual; Drags na Rua, com a apresentação de Lipsyncs no coreto da Praça Dom Orione, dando um gostinho de saudade das noites paulistanas; a performance e instalação “Anhangabaú: Um Rio de Luz e Resistência” com realização de instalações pelo Studio Visualfarm e apresentação do Grupo de Dança das Turmalinas Negras; entre outras diversas atrações.

Com um investimento de apenas R\$ 6 milhões e, desta vez, sem o apelo à apropriação dos equipamentos culturais e dos espaços públicos da cidade pelos cidadãos, o destaque da edição se dá ao espaço de



IX.

discussão criado para temas como racismo, feminicídio, pauta indígena e queimadas na Amazônia, através de produções e apresentações com o objetivo de resgatarem e pautarem tais assuntos. O então secretário de cultura Hugo Passolo afirmou que

*Boa parte da produção se voltou para essas temáticas, e houve um olhar sensível da curadoria em desenvolver esses temas não só em forma de diversão, mas de reflexão (...). A gente sempre falou de encontrar um espaço criativo que achasse o espírito dessa era. A coisa do virtual, da presença na cidade, da periferia se reconhecendo, do medo que as pessoas têm da morte neste momento. Queríamos falar sobre tudo isso.<sup>37</sup>*

Além disso, com apresentações e transmissões online em diversas Casas de Cultura nas regiões periféricas, o secretário enuncia o caráter descentralizador da edição, com ações e produções dentro da programação ocupando equipamentos fora da região central, a fim de “gerar renda” para técnicos, produtores e artistas destas regiões, muito afetados pelo momento da pandemia.

37 Folha de S. Paulo - 10/12/2020. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/passeios/2020/12/saiba-o-que-ver-na-virada-cultural-de-sao-paulo-de-acordo-com-o-seu-perfil.shtml> (acesso em 15/02/2021)



IV. Passeio noturno no Jardim da Luz, 2005. Jone Roriz/OESP, retirada de Zarpelon, 2012.

V. Cortejos no Vale do Anhangabaú, 2013. Fabio Arantes/SECOM, disponível no site oficial da prefeitura.

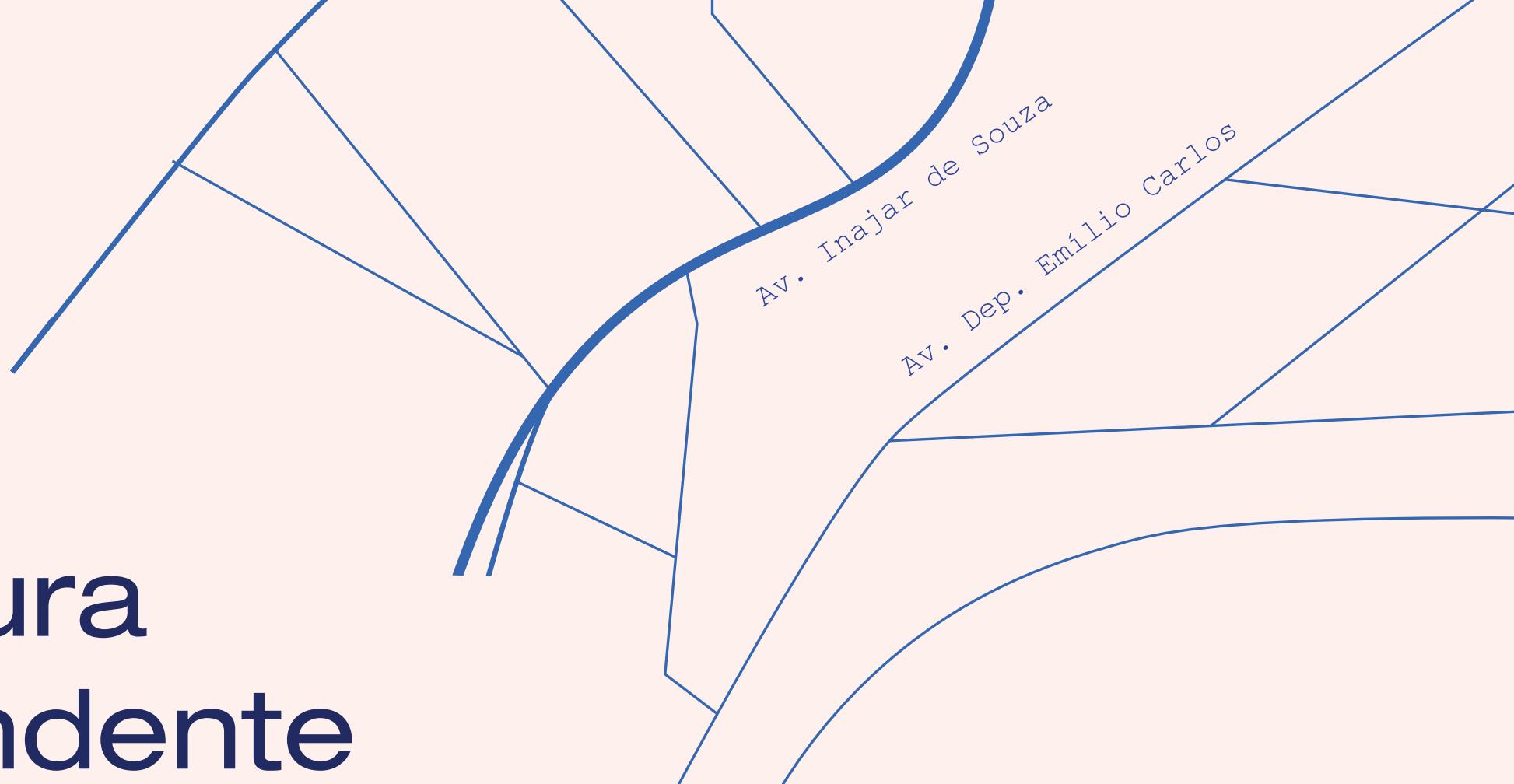
VI. Gal Costa no palco Julio Prestes, 2013. Fabio Arantes/SECOM, disponível no site oficial da prefeitura.

VII. Apresentação de Caravana Palhaça Rubra, 2015. Sylvia Masini, disponível na pagina oficial do evento no Facebook.

VIII. Público da Virada, 2019. Autoria desconhecida, disponível na pagina oficial do evento no Facebook.

IX. Apresentação de Turmalinas Negras no Vale do Anhangabau, 2019. Autoria desconhecida, disponível na pagina oficial do evento no Facebook.

IX. Elza Soares em show com transmissão online do Teatro Municipal, 2020. Autoria desconhecida, disponível na pagina oficial do evento no Facebook.



# Mês da Cultura Independente

Com o objetivo de apoiar grupos e artistas que atuam de forma independente no cenário cultural paulistano, o Mês da Cultura Independente (MCI) surge no ano de 2008, de uma iniciativa da PMSP, e desde então os meses de setembro ou outubro recebem uma agenda com programação voltada à arte, música, cinema e literatura. Surgido inicialmente de um projeto realizado nas dependências do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ)<sup>38</sup>, localizado

<sup>38</sup> Inaugurado em 2006, o CCJ Ruth Cardoso é hoje um dos equipamentos culturais da PMSP de referência em atividades dedicadas aos interesses dos jovens na cidade de São Paulo, como teatro, saraus, cinema, oficinas de produção musical e audiovisual, cursos de formação profissional, além de uma horta comunitária e oficinas de cozinha experimental e alimentação saudável. Contando com uma área de 8.000 m<sup>2</sup>, o edifício abriga salas de anfiteatro, biblioteca, teatro de arena, estúdio de gravação musical, sala de edição de vídeo e áudio, galeria para exposições e áreas livres de convivência. Fonte: <http://ccj.prefeitura.sp.gov.br/index.php/agenda/conheca-o-ccj-que-inspira-outros-centros-de-referencia-de-juventude-pelo-brasil-e-pelo-mundo/> (acesso em 01/02/2021).

no bairro da Vila Nova Cachoeirinha (Zona Norte), a partir de 2011 passa a ocupar outros pontos da cidade, movimentando espaços culturais já existentes, com a intensificação e gratuidade de suas respectivas programações. Alguns equipamentos, como o Centro Cultural São Paulo (CCSP), Galeria Olido, Vila Irororó, Tendal da Lapa, dentre outros espaços culturais para além da região central passam então a fazer parte do projeto<sup>39</sup>. Com atividades que vão desde oficinas e rodas de conversas a apresentações musicais e DJs sets, a mostra passa a promover a partir de 2014 o Projeto SP na Rua, evento dedicado a coletivos

<sup>39</sup> Não foram encontradas muitas informações a respeito da incorporação de demais espaços culturais ao MCI; mas o cenário de ampliação da programação para além das dependências do CCJ é citado pela primeira vez em notícia no site oficial da PMSP no ano de 2011, o que nos leva a crer que, possivelmente, foi nesta época que essa ampliação tenha se consolidado. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=9384> (acesso em 29/01/2021).

independentes de festas de rua. É este último projeto que nos interessa mais de perto, por se configurar, do nosso ponto de vista, uma iniciativa importante que contribui para a discussão sobre o espaço público e sua apropriação através de atividades culturais efêmeras.

Cabe mencionar a dificuldade encontrada no levantamento de dados e materiais institucionais relativos ao projeto. Por se tratar de um programa com um grande número de atividades pulverizadas ao longo do mês e com vários pontos de atuação no território, faltam informações a respeito de sua origem e evolução ao longo dos anos, enquanto iniciativa e política de fomento cultural de realização da PMSP. Por isso, não foi possível propor uma sistematização das atividades como a elaborada para a Virada Cultural. A maioria das informações a respeito do MCI aqui apresentadas foram localizadas na seção de notícias do site da PMSP - sendo a mais antiga delas datada de agosto de 2011 - e em demais portais de notícias como o *G1* e *Folha de S. Paulo*.

Buscando analisar a espacialidade tomada pelas ações e atividades dentro de sua programação, observa-se que a iniciativa foi agregando alguns espaços culturais ao projeto com o passar dos anos, como teatros, bibliotecas públicas, galerias e espaços



x.

ao ar livre. A primeira edição da mostra com pontos de atração para além das dependências do CCJ tem a participação do CCSP e Galeria e Cine Olido - com a exibição de filmes, apresentações musicais, palestras, oficinas e exposições -, além da Biblioteca Mário de Andrade, recebendo esta última saraus e rodas de leitura. Em todos os equipamentos a programação mostrou-se bastante diversa, contando no de 2011 (em sua primeira edição) com uma festa de abertura em frente à Galeria Olido em parceria com o coletivo Voodoohop e o Goethe-Institut, com projeções e sets de DJs de várias partes do mundo; show do Emicida e convidados em espaço aberto em frente à CCJ; grupos de samba, rock e ska se apresentando na Sala Olido; sessões de cinema nacional e internacional em todas as unidades participantes, entre outras atividades<sup>40</sup>. Nos anos de 2012 e 2013 o caráter da programação se manteve, bem como a permanência no projeto dos espaços citados anteriormente, mas com o acréscimo de 11 bibliotecas públicas no circuito de saraus oferecido pelo MCI<sup>41</sup>.

40 Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=9384> (acesso em 01/02/2021)

41 Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=9384> (acesso em 01/02/2021)

Já em sua 7ª edição no ano de 2014, o MCI oferece o protagonismo às áreas livres da cidade, agregando o SP na Rua em sua programação e levando festas promovidas por coletivos independentes a ruas e praças do Centro, tornando-se a partir de então um dos principais eventos do projeto. É nesta edição também que alguns shows ocorrem em palcos em espaços emblemáticos da cidade, como o Vale do Anhangabaú, o Cine Art Palácio - antigo cinema na Avenida São João então desapropriado pela Secretaria Municipal de Cultura - e o Parque do Ibirapuera, que abriga pela primeira vez o Sarau da Madrugada, com uma programação de saraus e batalhas poéticas promovidas por diversos coletivos<sup>42</sup>. Destaca-se também, a criação Além disso, foi criado Cinetério, evento dedicado à exibição de filmes de

42 Vale lembrar que os saraus poéticos são uma experiência que vem se firmando nas periferias de São Paulo desde o fim dos anos 1990. O mais conhecido deles talvez seja o Sarau da Cooperifa, fundado por Sérgio Vaz na Zona Sul de São Paulo no ano 2000, e que reúne desde então quase 500 pessoas semanalmente para ler, ouvir, falar e criar poesia.

terror no cemitério da Consolação<sup>43</sup>, ressignificando este espaço. É também nesta edição que o MCI apresenta ao público uma nova iniciativa da Secretaria de Cultura, o CoCidade, que através de parcerias entre pessoas, empresas e espaços, juntamente com uma programação de 10 dias de atrações diversas, pretendia “expor amplamente os caminhos e possibilidades do financiamento coletivo para o desenvolvimento cultural da cidade, discutindo projetos construídos de forma colaborativa”<sup>44</sup>.

Na edição posterior, no ano de 2015, além das atividades já consolidadas na programação do MCI, a Secretaria traz ao público duas novas iniciativas: a Semana da Mobilidade e o projeto Música nas Alturas.

43 O Cinetério teve apenas duas edições, uma em 2014 e outra em 2015. Neste último, infelizmente não ocorreu nas dependências do Cemitério da Consolação, devido a uma liminar a qual solicitava o cancelamento do evento sob a justificativa de “violação de um lugar sagrado” e “degradação” dos túmulos ocorridas no ano anterior; assim, o evento passa a acontecer nas ruas adjacentes ao Cemitério. Fonte: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1681063-liminar-proibe-cinetrio-no-cemiterio-da-consolacao-evento-acontecera-atras-do-local.shtml?cmpid=menupe> (acesso em 02/02/2021)

44 A iniciativa teve apenas duas edições, ocorridas nos anos de 2014 e 2015. Maiores informações e registros da iniciativa podem ser encontradas em <https://www.mudacultural.com.br/cpt-case/cocidade/> (acesso em 03/02/2021) e na página oficial da CoCidade no Facebook, disponível em [https://web.facebook.com/CoCidade/about/?ref=page\\_internal](https://web.facebook.com/CoCidade/about/?ref=page_internal) (acesso em 03/02/2021)

A primeira, com desenvolvimento intersecretarial da SPTTrans, CET e Secretaria dos Transportes, promovia atividades como o Bike Tour SP, passeios gratuitos de bicicleta pelo centro com monitoria e rotas específicas por pontos icônicos da cidade, exibição de filmes relacionado ao tema e o projeto Música nos Terminais, com apresentação de diversas bandas independentes e diversos terminais de ônibus<sup>45</sup>. A segunda promoveria a ocupação do terraço do Edifício Martinelli com concertos de jazz em sessões gratuitas ao longo do mês.

Com atividades como shows, peças de teatro, mostras de cinema, festas, rodas de debate, seminários e oficinas com artistas independentes de diversas linguagens, o MCI chega à edição de 2019 - última realizada antes da cenário pandêmico instalado em 2020 - com aproximadamente 500 atividades em mais de 100 pontos espalhados pela cidade. Destaca-se uma quantidade maior de festas de rua promovidas nesta edição; além do SP na Rua com seu sucesso habitual, o 13º Mês da Cultura Independente conta com a realização de Happy Hours com diversos DJs na cena paulistana na Galeria Orido.



XI.

X. CCSP, 2015. Paulisson Miura, disponível em Wikimedia.

X. CCSP, outubro de 2011. Paulo Humberto, disponível em Wikimedia.

<sup>45</sup> Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=18816> (acesso em 03/02/2021)

# SP na Rua

O SP na Rua, evento realizado pela Secretaria Municipal de Cultura e dedicado aos coletivos artísticos-culturais independentes, ocorre desde o ano de 2014 dentro da programação do Mês da Cultura Independente. Tomando conta de ruas, praças e travessas do Centro Histórico durante todo o período da madrugada, transforma seus principais pontos em cenário para a realização festas de rua. Com oferecimento de tendas, infraestrutura e uma ajuda de custo aos coletivos para a realização do evento, este leva anualmente à cidade de São Paulo música, pista de dança e uma experiência do espaço público diferente da vivenciada por seus usuários no intervalo do dia. Idealizada durante a gestão do prefeito Fernando Haddad e concebida pela então Diretora de Eventos Karen Cunha, o evento cresceu muito nos últimos anos e passou a contemplar vários gêneros musicais, tornando-se uma mostra, de potência cada vez crescente, de como ocupar a cidade com festa e atividades culturais espontâneas e efêmeras.

Assim, manifestações artísticas, culturais, performáticas e coletivas são colocadas em prática reunindo usuários e cidadãos de todo o território

paulistano, convidando a desfrutar do Centro e transformando-o em um laboratório de festas independentes a céu aberto. O SP na Rua torna-se, depois da Virada Cultural, um dos maiores eventos de uso do espaço público promovido integralmente pela PMSP. Sua importância no cenário cultural paulistano se refere, principalmente, às manifestações culturais essenciais nos processos de sociabilidade e configuração de identidade social na cidade de São Paulo, caracterizando, assim, uma iniciativa favorável à articulação de elementos urbanos - a materialidade do espaço através de ruas, praças, equipamentos e edifícios - e sua ressignificação por meio da ocupação e atuação de grupos e coletivos de festas.

Busca-se em linhas seguintes traçar um panorama da iniciativa ao longo dos sete anos de atuação. Por se tratar de um evento relativamente novo, dentro de uma programação diversa como o Mês da Cultura Independente, há ainda poucas informações a respeito de seu orçamento e público, impossibilitando que se faça uma sistematização mais precisa destes dados. Consultando portais de notícias como *G1*, *Folha de S. Paulo*, entre outros sites de conteúdo musical e cultural, procura-se traçar um panorama do evento nestes sete anos, levantando o número de coletivos participantes a cada edição. Nesta tarefa, conta-

se com o apoio do trabalho do antropólogo Gibran Teixeira em “*O fervo e a luta: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim*”<sup>46</sup>, onde descreve a cena noturna presente, principalmente, na região central da cidade.

O autor, em seu levantamento sobre o SP na Rua e atuação de coletivas na cena, aponta como uma ação em direção às festas de rua e a institucionalização (temporária) destas através do SP na Rua, as festas realizadas pelo coletivo Voodoohop no Bar do Netão<sup>47</sup>, apontado como um dos primeiros locais na região central se utilizar de calçadas e ruas como parte das dependências da festa. Com o crescimento do público, o coletivo passou a realizar festas nos espaços abertos da cidade, ocupando ruas, praças e parques. Importante destacar que sua análise refere-se à região central de São Paulo, havendo uma cena muito rica e pouco levantada por parte da academia em regiões periféricas que fogem do escopo deste trabalho. Tal

46 BRAGA, Gibran Teixeira. “*O fervo e a luta: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

47 Icônico no cenário noturno da região central, Gibran Braga citará o Bar do Netão como como um dos primeiros a “combinar o espaço aberto da rua com a pista de dança”, permitindo a livre circulação dos usuários no contexto da Lei Antifumo e oferecendo “uma possibilidade menos incômoda do que os apertados ‘fumódromos’ dos clubes”.

cena, com coletivos atuantes em localidades como Guarulhos, Itaquera, Brasilândia, etc., começam a aparecer em quantidade no SP na Rua a partir do ano de 2016.

Inicialmente dedicado aos coletivos de festas de música eletrônica, o SP na Rua ocorria pela primeira vez em janeiro de 2014, dentro de uma programação dedicada às comemorações do aniversário de São Paulo. Tendo em vista um cenário de institucionalização da cena noturna com a criação de baladas e espaços fechados de lazer<sup>48</sup>, o SP na Rua trazia à tona uma discussão já promovida com a realização da Virada Cultural, embora envolvido com agentes culturais distintos daqueles do evento de 24 horas. Desta vez, grupos e produtores de diversas partes do município fariam do Centro seu local de atuação, trazendo seu público e os valores que guiam sua atuação, à região da cidade há muito dirigida por dinâmicas de apropriação e funcionamento próprias.

48 “O processo de acomodação do lazer noturno às leis e o mercado não é exclusivo de São Paulo. Em vários outros grandes centros do mundo, este foi um processo que tomou conta da *club culture* a partir da década 1990, se intensificando na década seguinte. (...) Em resposta ao modelo *mainstream de balada*, os coletivos propunham festas libertárias inspiradas em diversas referências contraculturais e subculturais.” (Braga, 2018, p. 110)



XII.

A primeira edição do SP na Rua teria sido muito aguardada, sendo marcada, como dirá o DJ e jornalista Camilo Rocha, pela “noite em que a pista de dança venceu o medo”. Em tempos em que o Centro e o período da madrugada são vistos como a “encarnação do perigo”(Braga, 2018), Camilo Rocha descreveria o evento entrevista ao site *O Esquema*<sup>49</sup>,

*“A Gandaia mixou o maracatu da Pilantragi com o eletrônico da Voodoohop, o beat fino da Laço, o bass da Free Beats e muito, muito mais. O pot-pourri se reproduziu no chão do baile, onde cada um foi o que quis, do jeito que quis. Deu pinta,*

49 O site em questão não consta como disponível na internet. O trecho da entrevista citado foi retirado de Braga, 2018, p. 106.

*pôs fantasia, rasgou seda ou ficou de canto em pose blasé. Ninguém igual, ninguém mais do que ninguém. Afinal, não custava nada para participar, era só chegar. Em épocas de cordões vip, cobrança de taxa de 10% em boate, água mineral com preço de uísque 18 anos e outras exorbitâncias mais, tem coisa mais refrescante? Woodstock teve três dias de paz e música, São Paulo conseguiu uma noite inteira. Para uma cidade onde muitos só acreditam em grade e guarita, não é um ótimo começo?”<sup>50</sup>*

Dirá ainda que o SP na Rua teria transcorrido sem problemas, no que se refere à organização e segurança do evento, não contando com o policiamento ostensivo ou demais mecanismos de controle, afirmindo que “parecia ser a concretização do que os coletivos defendem: quando a rua é ocupada por música e festa, todo mundo ganha”.

Essa ocupação da rua com festa e música por sujeitos que vinham afirmado seu lugar social por meio de coletivos culturais remetem imediatamente aos anos 1980, quando o Largo de São Bento foi o palco privilegiado para o nascimento de uma cultura hip hop (música, dança, grafite) - que se desenvolvia

50 Idem.

nas periferias da cidade - mas se reunia naquele local central, com a anuência do Metrô de São Paulo que curiosamente permitiu durante anos essa presença em suas dependências, fazendo daquele local o principal palco da cena de rap na cidade naquela década. Mais tarde, com a afirmação dessa cultura e a proliferação de grupos e artistas no cenário musical e artístico brasileiro, outros espaços importantes surgiram, como a Rinha dos MC's - criada por Criolo e pelo DJ Dan Dan na zona sul de São Paulo, dentro de espaços alugados, mas com esse mesmo espírito coletivo, local onde despontou um nome como o de Emicida - e ainda a Batalha da Santa Cruz, que ocorria na rua em frente ao metrô Santa Cruz, ambas reunindo multidões de jovens interessados na cultura do rap.<sup>51</sup>

Dado o grande sucesso da primeira edição do

51 O documentário *Nos tempos da São Bento* (Guilherme Botelho, 2010, 90 min.) retrata os passos dessa história fundamental de ocupação das ruas a partir da festa, acompanhando a mudança da Rua 24 de Maio para o Largo, os principais nomes que surgem na cena, e os motivos para seu encerramento, no final dos anos 1990, colhendo entrevistas daqueles participantes bem como reunindo centenas de imagens da época. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8FtlypGeVs>. Acesso em 21/01/2020. Tiaraju Pablo D'Andrea defende em sua tese de doutorado um caminho de afirmação política e social de sujeitos periféricos que vai do rap aos coletivos artísticos (D'Andrea, Tiaraju. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Universidade de São Paulo, 2013.)



XIII.

evento, em setembro daquele mesmo ano acontecia a segunda edição do SP na Rua, desta vez fazendo parte da programação do Mês da Cultura Independente. Muito aguardado pela cena noturna, o evento contaria com a participação de mais de 20 coletivos artísticos culturais a oferecerem som, intervenções artísticas e performances nas ruas do centro histórico da cidade. O evento ocuparia ao todo quinze pontos da cidade, entre eles os mais icônicos vale do Anhangabaú e o calçadão da Rua Álvares Penteado, em frente ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Os anos posteriores só confirmariam o sucesso do evento, refletido diretamente no número de coletivos participantes. Até 2014, a curadoria da programação era feita pela própria secretaria, como um convite direto aos coletivos. A partir de 2015, dado o aumento do número de coletivos interessados, entre outros recém surgidos, surge a necessidade de se criar uma comissão curadora para receber propostas e avaliá-las, contando com a presença de nomes atuantes na cena. Tal aumento pôde ser percebido no número de propostas recebidas: no ano de 2016, por exemplo, foram quase 290 inscritos, quatro vezes maior que em sua primeira edição. Para compreender um

maior número de participantes, as tendas do evento passam a dividir as atividades no período com outros coletivos, chegando a um total de até 57 coletivos e 25 tendas no ano de 2016<sup>52</sup>.

O SP na Rua teve sua última edição no ano de 2019, antes do cenário pandêmico que se instalaria no Brasil e no mundo em meados de fevereiro. Ocupando 16 pontos do Centro Histórico com 38 coletivos participantes, a edição teve por direcionamento a preferência por coletivos a participarem pela primeira vez ou com atuação fora dos perímetros do centro; “o recorte prioriza novidades, festas de rua a baixo ou nenhum custo e representatividade. Na lista aparecem coletivos que, além de explorarem estilos musicais, também dão voz às causas das mulheres e das pessoas negras, LGBT e periféricas”<sup>53</sup>. A edição contou com a participação de coletivos novos como TravaBizness, Helipa LGBT, Festa Amem, Perifa no Toque, entre outros.

52 Fonte: <https://musicnonstop.uol.com.br/karen-cunha-a-mina-que-manda-no-sp-na-rua-conta-como-rolou-a-peneira-pra-chegar-nos-57-grupos-selecionados-pra-este-ano/> (acesso em 15/12/2020)

53 Fonte: <https://guia.folha.uol.com.br/noite/2019/09/sp-na-rua-promove-10-horas-de-balada-gratuita-no-centro-de-sp.shtml> (acesso em 10/02/2021)



XIV.

XII. Tenda do SP na Rua no Vale do Anhangabaú, 2018. Autoria desconhecida, disponível na página oficial do evento no Facebook.

XIII. Público do SP na Rua, setembro de 2014. Autoria desconhecida, disponível na página oficial do evento no Facebook.

XIV. Público do SP na Rua, setembro de 2014. Autoria desconhecida, disponível na página oficial do evento no Facebook.

# Números do SP na Rua

Aqui são levantados dados relativos aos pontos de atuação e número de coletivos participantes em cada edição a partir do ano de 2015, não sendo encontrada a programação de edições anteriores. As informações foram tiradas de eventos do SP na Rua no Facebook e em outros portais como *Music non stop*, *Vice* e *Folha de S. Paulo*.



XIII. Performance no SP na RUa, 2018. Autoria desconhecida, disponível na página oficial do evento no Facebook.

2015

Data	5 a 6 de setembro (das 22h às 6h do dia seguinte)
Pontos da cidade	Não informado
Número de coletivos	29
Coletivos participantes	Sistema Negro + Bicha Nagô Pratododia + SelvaSP + BAQUIRA SISTEMA DE SOM Na Quebrada + Coletivo Ocupa PL Jazz na Kombi High Public Sound System + Leggo Violence Posse Tsunami Coletivo + Estúdio Lâmina [[SSEX BBOX]] + Monstiane: A Batalha das Monstras MATILHA CULTURAL Calefação Tropicaos LAÇO Metanol Dubversão Sistema de Som Carlos Capslock + MAMBA NEGRA Selvagem + MEL Free Beats VENGA, VENGA Vaca das Galáxias VOODOOHOP VAMPIRE HAUS + Dsvante

## 2016

Data	10 a 11 de setembro (das 20h às 8h do dia seguinte)
Pontos da cidade	25
Número de coletivos	57
Coletivos participantes	MAMBA NEGRA + Carlos Capslock Metanol FM + Caldo dsviante + Dûsk MEL + Free Beats Calefação Tropicaos + VENGA, VENGA Selvagem + ODD VAMPIRE HAUS by casal belalugosi + Tela Bruta Boteco Pratododia + Pilantragi BAQUIRA SISTEMA DE SOM Coletivo Sistema Negro + BATEKOO Estúdio Lâmina + Tsunami Coletivo + Distúrbio Feminino Reação Hip Hop + Coletivo Ocupa PL Trance de Rua + Batata Eletrônica Roda de Sample + Áudio Insurgência + Síntese + Komoin High Public Sound Dubversão Sistema de Som QUILOMBO HI FI + Djanguru Sistema de Som SP Dub Club: Leggo Violence Sistema de Som + JZ O SP na Rua tem sido palco e oportunidade para

## 2017

Data	29 a 30 de outubro (das 20h às 8h do dia seguinte)
Pontos da cidade	20
Número de coletivos	41
Coletivos participantes	Feel Surreal & Festa Latam Dubstep NA RUA_ + Trance de Rua GF Arena (Jah Daddy + Madiba + Mozziyah) Reunion of DUB - Festival + Ladu B + Ini Feminine Hi-Fi + SOUND SISTERS Metanol FM + ODD MAMBA NEGRA + coletividade.NÂMÍBIÀ Coletivo Amem + Coletivo Sistema Negro BANDIDA + 1000 °C + Tormenta BATEKOO SP + Animalia Boteco Pratododia + Patuá Discos Batata Eletrônica + Cio Dûsk + Dando Vampire Haus + Tesãozinho Inicial VENGA, VENGA + Pilantragi BAQUIRA SISTEMA DE SOM + Penharol Rap a Dub AVAV Áudio Insurgência + Sintese coletiva CALDO + Festa Autônoma Temporária - Baile Soul Brasil + Rabo de Galo - Sistema de Som + Bafafá

## 2018

Data	13 a 14 de setembro (das 20h às 6h do dia seguinte)
Pontos da cidade	21
Número de coletivos	44
Coletivos participantes	Mamba Negra + Marsha Carlos Capslock + House of Divas Dubstep na Rua + Trance de Rua Selvagem + Psico.Trópica Calefação Tropicaos + Quack Pilantragi + Je Treme Mon Amour Venga, Venga + Free Beats Vampire Haus + Bandida Baile em Chernobyl + Helipa LGBT Boteco Pratododia + Cremosa Vinil Discopédia + Roda de Sample Feminine Hi-Fi + Ruído Rosa + Aqualtune + Mumma in Dub Terremoto Sound System + House Sounds Sistema de Som Natividade Sistema Sonoro + 4P Sistema de Som Arena Djanguru Sistema Dsom + Dubversão Sistema de Som Gueto Pro Gueto + Fresh! Coletividade Nâmíbià + Batekoo Amem + Animália Metanol FM + Caldo Batata Eletrônica + Unidos do BPM Sistema Negro +Baqira Sistema de Som

## 2019

Data	29 a 28 de setembro (das 22h às 6h do dia seguinte)
Pontos da cidade	16
Número de coletivos	38
Coletivos participantes	Terremoto Sound System + Africa Mae Do Leao Sistema de Som + Zion Gate Sound System Feminine Hi-Fi + PATA do LEÃO BATEKOO SP + Baile em Chernobyl + Bandida Desculpa Qualquer Coisa + Festa MEL + Baile do Risca Fada Trava Bizness+ Festa Amem + House Of Zion Brasil + AZAGATCHA Fiebre en la Selva + Boteco Pratododia + Baile dos Ratos Poros + Carlos Capslock + CALDO Vampire Haus + Techno de Rua + Jaca. + GHOST SP Calefação Tropicaos E ONDAS TROPICAIS: HOMENAGEM À DJ SONIA ABREU Helipa LGBT + Crash Party + Perifa no toque MAMBA NEGRA + BLUM + MARSHA+ SINTETICA Applebum Brasil X Dominação - A Batalha + SKRR SKRR+ GRAJAÚ - RAP CITY - SP x Arena do Flow Veneno + Apartamento 21 + A Onda Errada + Roda de Sample

# Os coletivos

O SP na Rua se consolida, hoje, como uma oportunidade para que grupos atuantes no cenário cultural de festas de rua em São Paulo possam fazer conexões com o centro da cidade. O Projeto traz visibilidade e oferece incentivo financeiro a coletivos que têm como sede de suas atividades bairros periféricos pulverizados pela cidade. Com o aumento de coletivos interessados no SP na Rua, dado o sucesso de suas primeiras edições e a criação de uma comissão curadora para a seleção dos inscritos desde o ano de 2015, o evento passou a abranger uma maior diversidade de gêneros musicais e grupos atuantes. Isso fez do SP na Rua uma pequena mostra do circuito de festas independentes, desta vez para além da região central de São Paulo. No sentido inverso e no que se refere a estes coletivos, são notáveis os esforços cada vez mais recorrentes de grupos de várias regiões do município de se articularem e ocuparem espaços da cidade, públicos ou não, através de festas, estabelecendo novas relações de afetividade com o ambiente e de sociabilidade para com seu meio social.

Assim, nota-se a partir do ano de 2016 a inclusão de coletivos na programação que fogem das dinâmicas



XV. Feminine HI-FI no SP na Rua  
de 2017. Beatriz Varella

de atuação na região central e seu perímetro próximo, como alguns coletivos tradicionais como Voodoohop, MAMBA NEGRA, Vampire Haus, BATEKOO, Carlos Capslock, entre outros. A edição 2016 conta com a presença de coletivos como o QUILOMBO HI-Fi, com atividades na Zona Norte de São Paulo; Djanguru Sistema de Som, oriundo do município de Guarulhos; Reação Hip Hop, com sede nas proximidades da COHAB II; o Ocupa PL, com atividades da Zona Leste; e o coletivo Sound System Roots Phavella do Jardim Vista Alegre, região Noroeste da cidade.

Os anos seguintes também contariam com a presença de coletivos novos no cenário de festas independentes, como o Feminine HI-Fi, que desde 2017 busca trazer protagonismo às mulheres na cultura do Sound System atuando em locais como o bairro da Voith e Heliópolis; o Bandida Coletivo, criado em 2017 por mulheres de origem periférica e unindo estilos como funk, dancehall, hip hop, disco, techno, entre outros; e o HELIPA LGBT, que teve sua primeira edição em 2017 no bairro de Itaquera contemplando a comunidade LGBT através do funk, brega funk e pop.

Ainda que busque cada vez mais compreender uma amostra de coletivos que de fato represente a diversidade cultural de festas independentes, o SP na Rua ainda pouco contempla grupos de funk de

atuação significativa na cidade. Estes coletivos, ainda que não se denominem como tal, estão presentes em vários pontos do município, em especial na Zona Leste e Sul da cidade. Alguns exemplos são o Baile da D17 em Paraisópolis, que teve uma de suas edições marcada pela forte repressão policial que culminou na morte de 9 jovens (já referenciado neste trabalho); o Baile do Helipa, realizado em Heliópolis; e o Baile da Nitro Point, que desde 2003 visa reunir todos os bailes funk de São Paulo e região metropolitana. São manifestações expressivas em público, mas que ainda escapam à legitimação dada pelo poder municipal, principalmente nos últimos anos, através de editais e permissões para realização destes. Em contraposição, questiona-se também se tal legitimação e regularização mais ajuda ou atrapalha com relação a atuação destes coletivos nas dinâmicas de cada território.

No cenário da pandemia, muitos destes coletivos migraram suas atividades para plataformas digitais. Buscando a continuação de suas atividades, muitos atuaram na criação ou intensificação de selos musicais, transmissões online de DJ sets via canais de streaming - e aqui destaco a Galeria Olido, que desde 2020 tem sido essencial na disponibilização de espaço e fomento de tais atividades -, além de rodas de conversas online a fim de discutirem o cenário cultural em geral.



XVI. Baile da D17, 2020. Autoria desconhedia, disponível no Instagram do evento.

# Considerações finais



XVII. Festa da Feminine HI FI na Voith, 2017.  
Ge Ladera, disponível na pagina do evento no Facebook.

Festa. Esta foi a palavra que ao longo deste trabalho guiou os temas a serem estudados e desdobrados. Neste meio tempo, tivemos o advento da pandemia da Covid-19, e com ela o isolamento social e uma nova dinâmica implantada no uso dos espaços. Sem aglomerações, com máscaras, restrição do número de pessoas, e no limite, atividades culturais canceladas. Sem aglomeração: sem festa na cidade. Ainda faria sentido que tal palavra guiasse as investigações de um trabalho cujo propósito seria encerrar (ou ou abrir portas em outra direção) o ciclo da graduação, haja vista a perda de sua materialidade na São Paulo de 2020 a 2022? A resposta encontra-se na saudade. Em memórias de eventos culturais pela cidade, das festas frequentadas na Praça da República, e nos trens matinais de domingo na Linha 7- Rubi da CPTM. Deixo que estas memórias tragam cor ao momento que se vive, dando a elas a posição merecida enquanto formadoras de vivências e valores de uma arquiteta com uma paixão bandida - com dores e amores - pela cidade de São Paulo.

É preciso falar de festa. Entre os diversos materiais

mobilizados para a realização deste trabalho, vi que as definições e conceituações de “festa” encontram muita ressonância nas ciências sociais, na antropologia em especial, indo de Émile Durkheim ([1912] 1969), o pai da sociologia, à antropóloga contemporânea Rita Amaral (1998), entre tantos que se dedicaram a pensar os sentidos da festa. Vale aqui retomar a análise de Durkheim sob o prisma do ritual:

*“(...) toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso” (DURKHEIM apud AMARAL, 1998).*

Para esse autor, as principais características da festa seriam: “(1) superação das distâncias entre os indivíduos, (2) a produção de um estado de ‘efervescência coletiva’, (3) a transgressão das normas

coletivas". Ora, são essas as características das festas nas ruas da cidade. Nas rodas de rimas, teatro e dança na Praça do Patriarca, superam-se, mesmo que por curto lapso de tempo, as distâncias entre cidadãos de diversas localidades que por desejo, curiosidade, ou mesmo sorte, passam um tempo a se agraciar com a espontaneidade vindas das ruas do Centro Histórico. Aos shows gratuitos no Parque do Ibirapuera ou na Avenida São João reconheço a pulsação e a efervescência que um refrão cantado junto à multidão pode gerar. E por fim, nada mais transgressor para uma cidade acostumada a ter seus espaços de lazer e convívio cada vez mais suprimidos pela lógica de mercado do solo urbano, ou segmentados pela distinção classista, que fazer festa em um galpão caindo aos pedaços da região do Brás ou um baile funk a céu aberto em Paraisópolis.

Em suma, pode-se ao final desse percurso reafirmar que a festa possui um papel fundamental na relação do cidadão com os espaços da cidade, uma vez que tais manifestações ativam um mundo comum em seus habitantes, que podem refletir modos de pensar e conceber o meio no qual vivem e se apropriam. Local de encontro e de prazer, é na festa que buscamos "repor as energias", como uma espécie de ritual presente na natureza humana

desde os primórdios. É nela também que o poder municipal tem encontrado, a partir do século XXI, novas dinâmicas de apoio e geração de renda a determinados grupos, reconhecendo a importância de se convergir, em dado momento, os agentes culturais então dispersos pela cidade. Assim, dos sentidos mobilizados neste trabalho, de maneira muito pessoal,

afirmo que a festa comprehende a ação, que em toda e qualquer linguagem artística e cultural, busca oferecer entretenimento, lazer e informação articulando-se com a materialidade da cidade representada por seus espaços públicos, privados ou dotados de interesses coletivos.

Ainda que tal reconhecimento das festas e



XVIII. HELIPA LGBT, 2019. Yuri Mira disponível em Vice.

ações culturais efêmeras por parte da PMSP tenham ocorrido, de forma institucional, com maior intensidade nos anos 2010 - com o crescimento da Virada Cultural, a intensificação da programação do Mês da Cultura Independente e a criação do SP na Rua - não podemos deixar de destacar aqui as contribuições das periferias paulistanas, desde a década de 1990, para a consolidação dos coletivos culturais como forma de articulação entre sociedade e espaço urbano. Tiaraju d'Andrea irá identificar uma série de atividades culturais na periferia nos últimos trinta anos, com a realização de saraus, slams, cineclubes, rodas de samba, grupos teatrais, grupos de dança, literatura marginal, posses de hip hop, entre outras manifestações e linguagens. Com a inserção de pautas neoliberais nas lógicas econômicas da cidade em fins dos anos 1980 e início de 1990, o alto desemprego e, como explicitará o autor, um genocídio em curso contra corpos pretos e periféricos, tais localidades encontram nessas organizações e na prática artística e cultural, uma forma de se reafirmar e se projetar nas disputas políticas que envolvem os espaços da cidade.

Assim, baseando-se nas dinâmicas de atuação destes grupos periféricos, outros coletivos, de diversas partes do município, irão surgir, mobilizando outras linguagens artísticas e, encontrando nas festas de rua

itinerantes uma forma de comunicação e articulação entre sociedade e espaço na contemporaneidade. Nesse sentido, e fora do cenário cultural usual presente no Centro, observa-se o surgimento de diversos coletivos que buscam através da festa pautar seus interesses por meio da apropriação de praças e ruas da cidade, como o Feminine HI-FI, HELIPA LGBT, D17, entre outros.

No cenário atual de supressão de atividades que envolvam aglomeração de pessoas, muitos desses agentes culturais migraram para as plataformas digitais, e assim assistiu-se a uma série de conteúdos com vistas a apresentar novas realidades e formas de se articulação na pandemia. Indo de encontro ao nicho do audiovisual, muito se ganhou com o lançamento de diversas obras independentes produzidas por tais coletivos, além de iniciativas culturais online, transmissão online de grandes shows e até mesmo lançamentos de novos artistas e videoclipes em serviços de streaming. Neste sentido, não podemos negar que houve uma junção importante de linguagens artísticas distintas na produção de conteúdos digitais.

Por fim, ainda que o cenário da pandemia possa ser assustador se pensado na perda significativa do caráter espontâneo das ruas e de suas festas, é necessário que pensemos, desde já, em ações futuras de reocupação dos espaços. Pois, quando se trata da

cidade submetida à lógica de mercado e uso do solo urbano, o hiato existente na apropriação dos espaços por tais grupos pode tornar frágil o retorno a lugares antes conquistados. Ainda teremos festas, teatros, rodas de rima e poesia, shows de rua quando tudo passar? Quem serão os agentes de transformação urbana quando a cultura - protagonizada por grupos que querem (e devem) firmar seu lugar de direito na cidade - estiver pronta para ocupar praças e ruas? É difícil dizer. Ainda que não existam previsões de como será o cenário cultural e a ocupação dos espaços públicos na pós-pandemia, entre memórias e a esperança de revisitar lugares e momentos onde a felicidade se fez presente, espero um dia ver e fazer, novamente, festas na cidade.



XIX. HELIPA LGBT, sem data. Mariana Bernardes

# Bibliografia

ABRAHÃO, Sérgio Luís. Espaço público: do urbano ao político. São Paulo, Annablume, FAPESP, 2008.

AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. Revista Mediações, Londrina, v. 3, n. 1, jan/jun 1998, p, 13-22.

BEIGUELMANN, Giselle. Da cidade interativa às memórias corrompidas: arte, design e patrimônio histórico na cultura urbana contemporânea. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo, Escola da Cidade. Coleção Outras palavras - vol. 8, 2020.

BLASS, Leila Maria da Silva. Os circuitos da cultura na Virada Cultural em São Paulo. Revista ponto-e-vírgula, n. 4, 2008, pp. 34 – 45.

BRAGA, Gibran Teixeira. “O fervo e a luta”: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. Anais do V ENECULT. Salvador, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/ene cult2009/19353.pdf>

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitos e sujeitas periféricas. Novos estud. CEBRAP [online]. 2020, vol.39, n.1, pp.19-36. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25091/s01013300202000010005>

DE MARCHI, Leonardo. Análise do Plano da Secretaria da Economia Criativa e as transformações na relação entre Estado e cultura no Brasil. Intercom – RBCC. São Paulo, v.37, n.1, jan./jun. 2014, p. 193-215.

FRANCO, Nilton Ferreira. O Sarau Paulistano na Contemporaneidade. Cooperifa - Zona Sul 1980-2006. Tese (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

FRÚGOLI JR., Heitor. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995.

GORELIK, Adrian, O romance do espaço público. Artes & Ensaios, Rio de Janeiro, nº 17, 2009, pp. 188-205. Disponível em: [https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae17\\_Adrian\\_Gorelik.pdf](https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae17_Adrian_Gorelik.pdf)

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). Festa como perspectivae em perspectiva. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 380 p.

SUDRÉ, Marcos Felipe. A festa e a cidade: Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano. Dissertação (Mestrado). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

ZARPELON, Larissa Francez. Espaço Público e ocupação efêmera. A Virada Cultural como instrumento de requalificação do Centro Histórico de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

# Bibliografia - sites

ASSEF, Cláudia. Karen Cunha, a mina que manda no SP na Rua, conta como rolou a escolha das atrações deste ano. Music Non Stop, 2016. Disponível em: <<https://musicnonstop.uol.com.br/karen-cunha-a-mina-que-manda-no-sp-na-rua-conta-como-rolou-a-peneira-pra-chegar-nos-57-grupos-selecionados-para-este-ano/>> . Acesso em 22/02/2021.

DORNELAS, Luana. Hábitos Noturnos: Mamba Negra. RedBull, 2016. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/habitos-noturnos-mamba-negra>>. Acesso em 22/02/2021.

FRANÇA, Wenderson. Baile Helipa LGBT+ ganha data na Casa de Cultura de São Mateus. Kondzilla, 2019. Disponível em: <<https://kondzilla.com/m/baile-helipa-lgbt-ganha-data-na-casa-de-cultura-de-sao-mateus>> . Acesso em 22/02/2021.

LIMA, Beá. “Tirando um lazer” no fluxo de Paraisópolis, o maior baile funk de São Paulo. El País, 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/17/politica/1545066776\\_191881.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/17/politica/1545066776_191881.html)> .

Acesso em 22/02/2021.

LOPES, Debora. Feminine Hi-Fi é a primeira festa sound system feita por mulheres em SP. Vice, 2016. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/vv4j4y/o-feminine-hi-fi-e-o-primeiro-soundsystem-feito-por-mulheres-em-sp>> . Acesso em 22/02/2021

MACHADO, Leandro. O que é o ‘Baile da 17’, pancadão em Paraisópolis onde 9 jovens morreram pisoteados. BBC, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50624480>> . Acesso em 22/02/2021.

NUNES, Brunella. As minas do Feminine Hi Fi querem (e vão) dominar o reggae com um Sound System poderoso pelas ruas. Hypeness, sem data. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/10/as-minas-do-feminine-hi-fi-querem-e-vao-dominar-o-reggae-com-um-sound-system-poderoso-pelas-ruas/>> . Acesso em 22/02/2021

PIMENTEL, Evandro. Muito mais que uma festa: a verdadeira história da BATEKOO. RedBull, 2019.

Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/batekoo>> . Acesso em 22/02/2021.

\_\_\_\_\_. Helipa LGBT+ é o rolê chave das manas da quebrada. Vice, 2018. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/wj7jd5/helipa-lgbt-fotos>> . Acesso em 22/02/2021.

\_\_\_\_\_. Nitro Point, o baile dos bailes. Kondzilla, 2018. Disponível em: <<https://kondzilla.com/m/nitro-point-o-baile-dos-bailes>> . Acesso em 22/02/2021.

\_\_\_\_\_. QUILOMBO HI FI. Dia da Música, sem ano. Disponível em: <<https://www.diadamusica.com.br/quilombofih>> . Acesso em 22/02/2021.